

Textos e versões

O Sétimo Selo¹

Roteiro fílmico de
Ingmar Bergman

Carlos Alberto Fonseca
Tradução.
Universidade de São Paulo.

Personagens

CAVALEIRO
MORTE
JONS
JOF
MIA
JONAS SKAT
PINTOR
MULHER
MONGE
4 SOLDADOS
MIKAEL
RAVAL
JOVEM
MOÇA MORTA
GAROTA

1 Traduzido a partir de “The seventh seal, a film by Ingmar Bergman” translated from the swedish by Lars Malmstrom and David Kushner. London, Lorrimer Publishing, 1968, disponível em <https://ia803107.us.archive.org/29/items/TheSeventhSealAFilm/The%20seventh%20seal%20a%20film.pdf>.

A noite trouxe pouco alívio do calor, e na aurora uma lufada quente de vento sopra pelo mar sem cor. O CAVALEIRO, Antonius Block, está caído sobre ramos de algas espalhados sobre a areia fina. Seus olhos estão bem abertos e vermelhos de falta de sono.

Perto dali seu escudeiro JONS está roncando ruidosamente. Dormiu onde desmaiou, na borda da floresta entre as árvores sacudidas pelo vento. Sua boca aberta está aberta para o sol que nasce, um som que não é da terra sai de sua garganta.

Com a lufada repentina de vento os cavalos relinham, movimentando suas pernas retesadas na direção do mar. São magros e estão machucados como seus donos.

O CAVALEIRO se levantou e se abaixa na água da maré, onde lava o rosto queimado de sol e os lábios ressecados. JONS rola no chão para ver a floresta e a escuridão. Resmunga dormindo e vigorosamente coça os cabelos. Uma ferida desenhada diagonalmente no alto da cabeça, branca como raio contra o escuro.

O CAVALEIRO volta para a praia e cai de joelhos. Com os olhos fechados e as sobrancelhas erguidas diz suas orações matinais. Suas mãos estão unidas e seus lábios formam as palavras silenciosamente. Sua face está triste e amarga. Abre os olhos e olha diretamente para o sol que surge do mar como um peixe que flutua morrendo. O céu está cinzento e imóvel, uma redoma de chumbo. Uma nuvem se pendura muda e escura sobre o horizonte no oeste. Bem no alto, pouco visível, uma gaivota flutua com asas sem movimento. Seu grito é fatídico e sem descanso. O grande cavalo cinzento do CAVALEIRO ergue a cabeça e relincha. Antonius Block se vira.

Atrás dele está um homem de preto. Rosto muito pálido, as mãos escondidas nas largas mangas da capa que está vestindo.

CAVALEIRO

Quem é você?

MORTE

Eu sou a Morte.

CAVALEIRO

Veio por minha causa?

MORTE

Estive caminhando ao seu lado durante muito tempo.

CAVALEIRO

Isso eu sei.

MORTE

Você está preparado?

CAVALEIRO

Meu corpo está amedrontado, mas eu não.

MORTE

Bom, não tem vergonha nenhuma nisso.

O CAVALEIRO se levantou. Está tremendo. A MORTE abre o manto para colocá-lo nos ombros do CAVALEIRO.

CAVALEIRO

Espere um pouco.

MORTE

É o que todos dizem. Mas não garanto que você escape.

CAVALEIRO

Você joga xadrez, não joga?

Uma luz de interesse brilha nos olhos da MORTE.

MORTE

Como você sabe disso?

CAVALEIRO

Eu vi em pinturas e ouvi canções baladas.

MORTE

Sim, de fato, jogo muito bem xadrez.

CAVALEIRO

Mas você não deve ser melhor que eu.

O CAVALEIRO remexe na grande mochila preta que trás às costas e tira dali um pequeno tabuleiro de xadrez. Coloca-o cuidadosamente no chão e começa a posicionar as peças.

MORTE

Por que você quer jogar xadrez comigo?

CAVALEIRO

Tenho minhas razões.

MORTE

Esse é o seu privilégio.

CAVALEIRO

A condição é que eu possa viver enquanto jogo com você. Se eu ganhar, você me libera. De acordo?

O CAVALEIRO mostra seus dois punhos à MORTE, que sorri repentinamente para ele. A MORTE aponta uma das mãos do CAVALEIRO; ela tem um peão preto.

CAVALEIRO

Você com as pretas.

MORTE

Muito apropriado. Não acha?

O CAVALEIRO e a MORTE se inclinam sobre o tabuleiro. Após um momento de hesitação, Antonius Block abre com seu peão do rei. A MORTE move, também usando seu peão do rei.

A brisa da manhã morreu. O movimento incessante do mar cessou, a água está silenciosa. O sol se projeta de uma névoa e vai ficando esbranquiçado. As gaivotas flutuam sob a nuvem escura, gelada no espaço. O dia já está escorchantemente quente.

O escudeiro JONS é despertado por um chute no traseiro. Abrindo os olhos, grunhe como um porco e boceja à grande. Fica em pé, encilha seu cavalo e pega a pesada mochila.

O CAVALEIRO cavalga lentamente para longe do mar, para dentro da floresta próxima à praia e na direção da estrada. Finge não ouvir as preces matutinas de seu escudeiro. JONS logo o ultrapassa.

JONS

(canta) Nas pernas de uma puta dar uma metida / É tudo o que eu quero fazer nesta vida.

Ele para e olha para seu patrão, mas o CAVALEIRO não ouviu a canção de JONS, ou finge que não ouviu. Para dar mais vazão à sua irritação, JONS canta ainda mais alto.

JONS

(canta) Lá encimão Deus Todopoderoso / fez o que fez nesse mundão horroroso; / Mas o Diabo, seu irmão do escambau, / topa com ele em todo canto e degrau.

JONS finalmente consegue a atenção do CAVALEIRO. Para de cantar. O CAVALEIRO, seu cavalo, o cavalo de JONS e o próprio JONS sabem todas as canções de cor. A longa e poeirenta jornada desde a Terra Santa não os deixou nem um pouco limpos. Cavalgam através de uma fornalha musguenta que se estica até o horizonte. Para além dele, o mar está tremeluzindo ao brilho branco do sol.

JONS

Em Fjaerd todos estavam falando de maldições do demo e outras coisas horríveis. Dois cavalos tinham se comido um ao outro durante a noite e, no cemitério da igreja, os túmulos se abriram e havia defuntos espalhados por toda parte. Ontem à tarde havia quatro sóis no meio do céu.

O CAVALEIRO não responde. Perto dali, um cão sarnento está latindo para seu dono, que está dormindo sentado sob as brasas do sol. Uma nuvem negra de moscas se amontoa ao redor de sua cabeça e seus ombros. O cão miserável late sem parar, os ossos marcando sua barriga, o rabo batendo o tempo todo.

JONS apeia e se aproxima do homem adormecido. Dirige-se a ele polidamente. Ao ver que ele não manifesta nenhuma resposta, caminha até o homem para o despertar com uma sacudida. Curva-se sobre o ombro do homem, mas logo retira sua mão. O homem cai para trás no chão quente, a cara voltada para JONS. É um cadáver, olhando arregalado para JONS, olhos vazios e dentes brancos.

JONS monta novamente e alcança seu patrão. Bebe um gole de água de seu cantil e o passa para o cavaleiro.

CAVALEIRO

E aí, ele mostrou a você o caminho?

JONS

Não exatamente.

CAVALEIRO

O que ele disse?

JONS

Nada.

CAVALEIRO

Ele era mudo?

JONS

Não, Senhor, isso eu não sei dizer. Na verdade, ele não era muito falante.

CAVALEIRO

Oh?

JONS

Ele era falante, tudo bem. O problema é que o que ele tinha a dizer era muito deprimente. *(canta)* Numa hora, tô vivo e tô podendo, / na seguinte, os vermes me comendo. / O destino é um terrível bandido, / E você, cara, logo vai estar é fudido.

CAVALEIRO

Você precisa mesmo cantar essas coisas?

JONS

Não.

O CAVALEIRO dá a seu escudeiro um pedaço de pão, o que o deixa quieto por algum tempo. O sol os queima cruelmente, e gotas de suor caem de suas faces. Há uma nuvem de poeira no caminho dos rastros dos cavalos. Eles pastam numa moita e num mato baixinho. Na sombra de algumas árvores grandes há um carroção abandonado em ruínas coberto por uma lona esfarrapada. Um cavalo relincha ali perto e é respondido pelo cavalo do CAVALEIRO. Os dois viajantes não param para descansar sob a sombra das árvores, e continuam cavalgando até desaparecerem na curva da estrada.

Em seu sono, JOF o saltimbanco ouve o relincho de seu cavalo e a resposta dada a distância. Tenta continuar dormindo, mas está sufocante dentro do carroção. Os raios do sol que se infiltram pela lona lançam manchas de luz no rosto de MIA, a mulher de JOF, e de MIKAEL, seu filhinho de um ano de idade, que estão dormindo profunda e suavemente. Perto deles, JONAS SKAT, um velho, ronca turbulentamente.

JOF pula fora do carroção. Ainda há uma mancha de sombra embaixo das grandes árvores. Toma um gole de água, gorgoleja, cospe e fala com seu cavalo velho e ossudo.

JOF

Bom dia. Já tomou seu café da manhã? Eu não como mato nem grama, que azar. Você consegue me ensinar? Nós estamos duros. As pessoas aqui não estão muito interessadas em saltimbancos.

Pegou as bolas e começou lentamente a jogar com elas. De repente a cabeça fica imóvel e ele cacareja feito uma galinha. Ele para e se senta com um olhar de absoluto espanto no rosto pálido. O vento faz as árvores se agitarem levemente. As folhas se agitam e produzem um suave murmúrio. As flores no mato se inclinam graciosamente e em algum lugar um pássaro solta a voz num longo trinado.

O rosto de JOF se quebra num sorriso e seus olhos se enchem de lágrimas. Com uma expressão atordoada ele se deita de costas enquanto o mato se inclina suavemente, e abelhas e borboletas volteiam sua cabeça. O pássaro não visto continua a cantar.

De repente a brisa para de soprar, o pássaro para de cantar, o sorriso de JOF se desfaz, as flores e o mato murcham no calor. O cavalo velho ainda caminha pastando e batendo o rabo para espantar as moscas.

JOF volta à vida. Entra apressado no carroção e sacode MIA para ela acordar.

JOF

Mia, acorde. Se levante, mulher! Acabei de ver uma coisa. Preciso lhe contar o que foi!

MIA

(levanta-se, aterrada) O que foi? O que aconteceu?

JOF

Tive uma visão. Não, não foi uma visão. Era real, foi absolutamente real.

MIA

Oh, então você teve uma visão outra vez!

A voz de MIA está carregada de uma ironia suave. JOF sacode a cabeça e a agarra pelos ombros.

JOF

Mas eu vi mesmo

MIA

E quem foi que você viu?

JOF

A Virgem Maria.

MIA fica comovida com o fervor do marido. Abaixa o tom de sua voz.

MIA

Você a viu de verdade?

JOF

Ela estava tão perto de mim que eu poderia tocá-la. Tinha uma coroa dourada na cabeça e usava um vestido azul com flores de ouro. Estava descalça e tinha pequeninas mãos morenas com as quais segurava o Menino Jesus enquanto o ensinava a andar. E então ela me viu observando-a e sorriu para mim. Meus olhos se encheram de lágrimas e quando os enxuguei ela desapareceu. E tudo se tornou muito quieto no céu e na terra. Você entende?

MIA

Nossa! Que imaginação você tem...

JOF

Você não acredita em mim! Mas foi real, estou te dizendo, não o tipo de realidade que você vê todo dia, mas um tipo diferente.

MIA

Talvez fosse o tipo de realidade que você nos contou quando viu o Diabo pintando de vermelho as rodas do nosso carroção, usando o rabo dele como pincel.

JOF

(embaraçado) Por que você fica escarafunchando isso?

MIA

E depois você descobriu que tinha tinta vermelha embaixo das unhas.

JOF

Bom, talvez naquela vez eu tivesse pintado. *(ansiosamente)* Eu fiz aquilo para você acreditar nas minhas outras visões. As verdadeiras. Aquelas que eu não inventei.

MIA

(severamente) Você tem que manter suas visões sob controle. De outro modo as pessoas vão pensar que você é meio louco, coisa que você não é. Pelo menos não ainda – pelo que eu saiba. Mas vamos pensar nessa possibilidade, não estou muito certa disso.

JOF

(zangado) Eu não pedi para ter visões. Não posso impedir que vozes me digam coisas, que a Virgem Maria apareça para mim e que anjos e demônios gostem de minha companhia.

SKAT

(levanta-se) Não te disseram um dia de uma vez por todas que de manhã eu preciso dormir! Eu lhe pedi polidamente, implorei a você, mas nada funcionou. Agora estou lhe dizendo que cale a boca!

Seus olhos estão injetados de raiva. Ele se vira e continua roncando no mesmo lugar. MIA e JOF decidem que seria mais sábio deixarem o carroção. Fora, sentam-se num engradado. MIA tem MIKAEL no colo. Ele está nu e se contorce vigorosamente. JOF se senta perto da esposa. Cabisbaixo, ainda parece deslumbrado e espantado. Um vento seco e quente sopra vindo do mar.

MIA

Ah se chovesse um pouco... Tudo está se reduzindo a cinzas. Não vamos ter nada para comer neste inverno.

JOF

(bocejando) A gente se vira.

Ele diz isso sorrindo, com um ar casual. Ele se estira e ri de contentamento.

MIA

Quero que Mikael tenha uma vida melhor que a nossa.

JOF

Mikael vai crescer para ser um grande acrobata – ou um saltimbanco que consiga fazer o único truque impossível.

MIA

E que truque é esse?

JOF

Fazer uma das bolas ficar absolutamente parada no ar.

MIA

Mas isso é impossível.

JOF

Impossível para nós – mas não para ele.

MIA

Você está sonhando de novo.

Ela boceja. O sol a deixou um pouco entorpecida e ela se deita na grama. JOF faz a mesma coisa e coloca um braço ao redor dos ombros da esposa.

JOF

Eu compus uma canção. Durante a noite passada, enquanto não conseguia dormir. Quer ouvir?

MIA

Canta. Fiquei muito curiosa.

JOF

Preciso me sentar primeiro.

Ele se senta com as pernas cruzadas, faz um gesto dramático com os braços e canta em voz alta.

JOF

(canta) Num lírio branco uma pomba pousou / contra o céu do verão. / Linda canção de Cristo cantou / grande festa no céu desde então.

Ele interrompe seu canto para ser cumprimentado pela esposa.

JOF

Mia! Está acordada?

MIA

É uma canção linda.

JOF

Não a terminei ainda.

MIA

Eu a ouvi, mas acho que vou dormir um pouquinho. Você pode cantar o resto para mim depois.

JOF

Tudo o que você faz é dormir.

JOF está um pouco ofendido e olha para o filho, MIKAEL, mas ele está dormindo profundamente na grama alta. JONAS SKAT chega, vindo do carroção. Ele boceja, está muito cansado e de mau humor. Nas mãos tem uma máscara da morte grosseiramente feita.

SKAT

Isso aqui é alguma máscara para um ator? Se os padres não nos tivessem pago, eu diria não, obrigado.

JOF

Você vai representar a Morte?

SKAT

Imagine só, assustar gente decente com essas piadinhas sem sentido.

JOF

Quando vamos ter que representar essa peça?

SKAT

No dia da festa de todos os santos em Elsinore. Vamos representar nos degraus da igreja, acredite ou não.

JOF

Não seria melhor representar alguma coisa mais buliçosa? As pessoas gostam mais, e, além disso, é mais divertido.

SKAT

Idiota. Tem um rumor circulando por aí de que existe uma peste terrível nessas terras, e agora os padres estão profetizando morte repentina e todo tipo de agonias espirituais.

MIA está desperta e repousa satisfeita de costas, chupando um talo de capim e olhando sorridente para o marido.

JOF

E que papel vou representar?

SKAT

Você parece um louco desgraçado, então você vai representar a Alma do Homem.

JOF

É um papel muito ruim, com certeza.

SKAT

Quem toma as decisões aqui? Quem é o diretor desta companhia afinal de contas?

SKAT, rindo mostrando os dentes, segura a máscara na frente do rosto e recita dramaticamente.

SKAT

Tenha isso em mente, seu louco. Sua vida está por um fio. Seu tempo está curto. *(com voz natural)* Será que as mulheres vão gostar de mim com essa roupa? Vou ser um sucesso? Não! Sinto como se já estivesse morto.

Ele entra no carroção furiosamente. JOF se senta, inclinando-se para trás. MIA se deita atrás dele na grama.

MIA

Jof!

JOF

O que foi?

MIA

Fique quieto. Não se mova.

JOF

O que quer dizer?

MIA

Não diga nada.

JOF

Estou calado como um túmulo.

MIA

Shh! Eu te amo.

Ondas de calor envolvem a igreja de pedra cinza numa estranha névoa branca. O CAVALEIRO apeia e entra. Após amarrar os cavalos, JONS o segue lentamente. Quando chega no pórtico da igreja para, surpreso. À direita da entrada há um largo afresco na parede, ainda inacabado. Trepado numa escada precária está um PINTOR usando uma boina vermelha e roupas manchadas de tinta. Tem um pincel na boca, enquanto com um outro na mão esboça uma face humana pequena e assustada em meio a um oceano de rostos assustados.

JONS

O que será que isso representa?

PINTOR

A Dança da Morte.

JONS

E aquilo ali é a Morte?

PINTOR

Sim, ela dança com todo o mundo.

JONS

Por que está pintando essa bobagem

PINTOR

Eu pensei que serviria para lembrar todas as pessoas que elas devem morrer.

JONS

Bem, com certeza isso não vai fazer ninguém mais feliz.

PINTOR

Por que a gente sempre tem que fazer as pessoas felizes? Não seria má ideia assustá-las um pouco de vez em quando.

JONS

Desse jeito elas vão fechar os olhos e se negar a ver sua pintura

PINTOR

Oh, elas vão olhar. Um crânio reluzente é mais interessante que uma mulher nua.

JONS

Se você realmente meter medo nelas...

PINTOR

Elas vão pensar...

JONS

E se elas pensarem...

PINTOR

Elas vão ficar ainda mais assustadas.

JONS

E depois vão correr para os braços dos padres.

PINTOR

Isso já não é da minha conta.

JONS

Você está só pintando sua Dança da Morte.

PINTOR

Eu só estou pintando as coisas como elas são. Cada um faça o que quiser.

JONS

Pense só como algumas pessoas vão amaldiçoar você.

PINTOR

Pode ser. Mas vou pintar alguma coisa divertida para elas olharem. Tenho que me fazer a vida – pelo menos antes que a peste me leve.

JONS

A peste. Parece uma coisa horrível.

PINTOR

Você veria as bolhas na garganta de um homem doente. Você veria como seu corpo se encarquilha de modo que suas pernas parecem cordas com nós – como o homem que pinte ali atrás.

O PINTOR aponta com o pincel. JONS vê uma pequena forma humana alongada na grama, olhos fundos em frenesi de horror e dor.

JONS

Isso parece terrível.

PINTOR

Certamente é. Ele tenta estourar a bolha, ele morde as mãos, abre as veias com as unhas e seus gritos podem ser ouvidos em todo canto. Isso assusta você?

JONS

Assustar? Eu? Você não me conhece. O que são esses horrores que pintou aí?

PINTOR

O notável é que as pobres criaturas pensam que a pestilência é uma punição do Senhor. Multidões de pessoas que se chamam a si próprias de Escravos dos Pecados formigam aí pelo país, flagelando-se e aos outros, tudo para a glória de Deus.

JONS

Eles realmente se açoitam?

PINTOR

Sim, é uma visão terrível. Eu rastejei até uma vala e me escondi e os vi passando.

JONS

Você tem conhaque aí? Bebi água o dia todo e isso me deixou com mais sede que um camelo no deserto.

PINTOR

Eu pensei que tivesse assustado você.

JONS se senta com o PINTOR, que pega uma garrafa de conhaque.

O CAVALEIRO está ajoelhado diante de um pequeno altar. Está escuro e quieto ao seu redor. O ar está fresco e bafiento. Figuras de santos olham de cima para baixo com olhos pétreos. A face de Cristo está virada para cima, sua boca aberta como se num grito de angústia. Na viga do teto há uma representação de um diabo horripilante observando um miserável ser humano. O CAVALEIRO ouve um som vindo do confessionário e se aproxima dele. A face da MORTE surge atrás da grade por um instante, mas o CAVALEIRO não a vê.

CAVALEIRO

Quero lhe falar tão abertamente quanto puder, mas meu coração está vazio.

A MORTE não responde.

CAVALEIRO

O vazio é um espelho virado para minha própria face. Eu me vejo nele, e estou cheio de medo e nojo.

A MORTE não responde.

CAVALEIRO

Por meio da indiferença para com meus companheiros, eu me isolei da companhia deles. Agora vivo num mundo de fantasmas. Estou aprisionado em meus sonhos e minhas fantasias.

MORTE

E entretanto não quer morrer.

CAVALEIRO

Sim, eu quero.

MORTE

O que está esperando?

CAVALEIRO

Quero conhecimento.

MORTE

Quer garantias?

CAVALEIRO

Dê o nome que quiser. É tão cruelmente inconcebível apreender Deus com os sentidos? Por que ele se esconde numa névoa de promessas de meias palavras e milagres não vistos?

A MORTE não responde.

CAVALEIRO

Como podemos ter fé naqueles que acreditam quando não podemos ter fé em nós mesmos? O que vai acontecer com aqueles de nós que querem acreditar mas não são capazes? E o que vai ser daqueles que nem querem nem são capazes de acreditar

O CAVALEIRO para e espera uma resposta, mas ninguém lhe fala ou responde. Só existe o mais completo silêncio.

CAVALEIRO

Por que não posso matar Deus dentro de mim? Por que ele vive desse jeito penoso e humilhante mesmo se o amaldiçoo e quero arrancá-lo de meu coração? Por que, a despeito de tudo, ele é uma realidade desconcertante de que não consigo me livrar? Você está me ouvindo?

MORTE

Sim, estou ouvindo.

CAVALEIRO

Eu quero conhecimento, não fé, nem suposições, mas conhecimento. Eu quero Deus para vê-lo estender sua mão para mim, revelar-se e falar para mim.

MORTE

Mas ele continua silencioso.

CAVALEIRO

Grito por ele no escuro mas não há ninguém lá.

MORTE

Talvez não haja ninguém mesmo.

CAVALEIRO

Então a vida é um horror ultrajante. Ninguém pode viver na face da Morte, sabendo que tudo é apenas um nada.

MORTE

Muita gente nunca reflete sobre a Morte ou a futilidade da vida.

CAVALEIRO

Mas um dia vão ter que se haver naquele último momento da vida e olhar através da escuridão.

MORTE

Quando esse dia chegar...

CAVALEIRO

Em nosso medo, construímos uma imagem, e a essa imagem chamamos Deus.

MORTE

Você está preocupado...

CAVALEIRO

A Morte me visitou hoje de manhã. Estamos jogando xadrez juntos. Essa trégua me dá a chance de resolver um assunto urgente.

MORTE

Que assunto é esse?

CAVALEIRO

Minha vida tem sido uma perseguição inútil, uma perambulação, uma montanha de conversas sem sentido. Não sinto amargura ou autocensura por causa de as vidas de muitas pessoas serem parecidas com esta. Mas vou usar minha trégua para uma ação significativa.

MORTE

É por isso que está jogando xadrez com a Morte?

CAVALEIRO

Ela é um oponente hábil, mas até agora não perdi para ninguém.

MORTE

Como você vai vencer a Morte no seu jogo?

CAVALEIRO

Vou usar uma combinação do bispo com o peão que ela ainda não descobriu. No próximo movimento vou atacar um de seus flancos.

MORTE

Vou me lembrar disso.

A MORTE mostra sua face na grade do confessionário por um momento e desaparece instantaneamente.

CAVALEIRO

Você me enganou e trapaceou! Mas vamos nos encontrar de novo, e vou descobrir um jeito.

MORTE

(invisível) Vamos nos ver na hospedaria, e lá continuaremos a jogar.

O CAVALEIRO

Ergue a mão e olha para ela à luz do sol que entra por uma janela diminuta.

CAVALEIRO

Esta é minha mão. Posso movê-la, sentir o sangue pulsando através dela. O sol ainda está alto no céu e eu, Antonius Block, estou jogando xadrez com a MORTE.

Fecha a mão em punho e o ergue para o templo.

Enquanto isso, JONS e o PINTOR ficaram bêbados e conversam animadamente.

JONS

Eu e meu patrão andamos por esse mundão e acabamos de voltar para casa. Você compreende isso, pintorzinho?

PINTOR

A Cruzada.

JONS

(*bêbado*) Precisamente. Durante dez anos estivemos na Terra Santa e as serpentes nos picaram, as moscas nos sugaram, animais selvagens nos comeram, mulheres nos passaram pulgas, as pulgas nos devoraram, as febres nos roeram, tudo pela glória de Deus. Nossa Cruzada foi uma loucura tão grande, que só um verdadeiro idealista poderia ter pensado nela. Mas o que você disse sobre a peste foi horrível.

PINTOR

É pior que isso.

JONS

Ai de mim. Não importa pra onde a gente olhe, tem sempre o traseiro dela atrás da gente. Essa é a verdade.

PINTOR

O traseiro atrás da gente, o traseiro atrás da gente, a mais profunda verdade.

JONS pinta uma pequena figura que supõe representá-lo.

JONS

Este é o escudeiro Jons. Ele mostra os dentes para a Morte, caçoa do Patrão e lança olhares para as moças. Seu mundo é uma jonsolândia, crível só para ele, ridícula para todos incluindo ele mesmo, sem significação para o Céu e sem interesse para o Inferno.

O CAVALEIRO caminha, chama seu escudeiro e vai para a luz do sol. JONS maneja a situação para se colocar no chão fora do andaime.

Do lado de fora da igreja, quatro soldados e um monge em tratativas de colocar uma mulher num cepo. A face infantil dela está pálida, sua cabeça foi raspada, os nós de seus dedos estão sangrentos e quebrados. Seus olhos estão esbugalhados, embora pareça estar completamente consciente.

JONS e o CAVALEIRO param e observam em silêncio. Os soldados estão trabalhando rápida e habilmente, mas parecem amedrontados e desanimados. O monge resmunga lendo um livrinho. Um dos soldados pega um balde de madeira e com a mão começa a espalhar uma pasta sangrenta na parede da igreja e ao redor da mulher. JONS tapa o nariz.

JONS

Essa sua sopa tem um fedor do inferno. Serve para quê?

SOLDADO

Ela teve intercurso carnal com o Maléfico. (*mais baixo*) Fudeu com o Diabo!

Ele sussurra isso com horror no rosto e continua a jogar aquela massa peganhenta na parede.

JONS

E agora foi pro cepo.

SOLDADO

Ela vai ser queimada amanhã de manhã na frente da paróquia. Mas devemos manter o Diabo afastado do resto de nós.

JONS

(*tapando o nariz*) E você faz o que com essa coisa fedorenta?

SOLDADO

É o melhor remédio: sangue misturado com a bile de um cachorro preto gigante. O Diabo não suporta o cheiro.

JONS

Nem eu.

JONS caminha na direção dos cavalos. O CAVALEIRO fica por alguns momentos olhando para a moça. É ainda uma criança. Lentamente ela volta os olhos para ele.

CAVALEIRO

Você viu o Diabo?

O MONGE para de ler e levanta a cabeça.

MONGE

Você não pode falar com ela.

CAVALEIRO

Pode ser assim tão perigoso?

MONGE

Eu não sei, mas todos acreditam que ela causou a pestilência que está infectando as pessoas.

CAVALEIRO

Sei, entendo.

Ele abana a cabeça resignadamente e vai embora. A jovem começa a se lamentar como se estivesse num pesadelo horrível. O som de seus gritos segue os dois cavaleiros por uma considerável distância na estrada.

O sol está alto no céu, como uma bola vermelha de fogo. O cantil está vazio e JONS procura algum poço onde pudesse enchê-lo.

Aproximam-se de um grupo de cabanas na orla da floresta. JONS amarra os cavalos, ajeita a pele no ombro e caminha ao longo da trilha na direção da cabana mais próxima. Como sempre, seus movimentos são ligeiros e quase sem ruídos. A porta da cabana está aberta. Para do lado de fora, e, não vendo surgir ninguém, entra. Está escuro lá dentro e seu pé toca um objeto macio. Olha para baixo. Ao lado da lareira caiada, uma mulher está deitada com a face voltada para o chão.

Ao som de passos que se aproximam, JONS rapidamente se esconde atrás da porta. Um homem vem descendo uma escada do andar superior. É gordo e baixote. Seus olhos são pretos e sua cara é pálida e gorducha. Suas roupas são bem cortadas, mas sujas e rasgadas. Carrega um saco de pano. Olhando ao redor, vai para o cômodo interior, inclina-se sobre a cama, enfia alguma coisa no saco, desliza ao longo das paredes, olhando sobre os móveis, encontra algo mais que também enfia no saco.

Lentamente retorna ao cômodo exterior, inclina-se sobre a mulher morta e cuidadosamente tira um anel do dedo dela. Naquele momento uma jovem entra pela porta. Ela para e olha para o estranho.

RAVAL

Por que parece tão surpresa? Eu roubo dos mortos. Nesses dias é um trabalho bem lucrativo.

A GAROTA faz um movimento de querer fugir.

RAVAL

Está pensando em correr para a vila e contar. Isso não serviria para nada. Cada um de nós tem de salvar sua própria pele. É simples assim.

GAROTA

Não toque em mim.

RAVAL

Não tente gritar. Não tem ninguém por perto pra te ouvir, nem Deus nem gente.

Lentamente ele fecha a porta atrás da GAROTA. O cômodo abafado está agora em escuridão quase completa. Mas JONS torna-se claramente visível.

JONS

Eu reconheço você, embora faça muito tempo que a gente se viu. Seu nome é Raval, do Colégio Teológico de Roskilde. É o Dr. Mirabilis, Coelestis et Diabilis.

RAVAL sorri desconfortável e olha ao redor.

JONS

Não estou certo?

A GAROTA fica imóvel.

JONS

Você foi aquele que, dez anos atrás, convenceu meu patrão da necessidade de se juntar a uma cruzada de alto nível para a Terra Santa.

RAVAL olha ao redor.

JONS

Você parece desconfortável. Está com dor de estômago?

RAVAL sorri ansiosamente.

JONS

Quando vejo você, de repente compreendo o significado desses dez anos, que antes me pareciam um grande desperdício. Nossa vida era tão boa e estávamos tão satisfeitos conosco. O Senhor queria nos punir por nossa complacência. Eis porque ele enviou você para vomitar seu veneno sagrado e envenenar o CAVALEIRO.

RAVAL

Eu agi de boa fé.

JONS

Mas agora você está melhor, não é? Porque agora você se transformou num ladrão. Uma ocupação mais adequada e lucrativa para canalhas, não é?

Com um rápido movimento ele toma a faca da mão de RAVAL, dá-lhe um chute que o faz cair ao chão e está a pique de o matar. De repente a GAROTA grita. JONS para e faz um gesto de generosidade com a mão.

JONS

De todo modo, não tenho sede de sangue.

Ele se inclina sobre RAVAL.

RAVAL

Não bata em mim.

JONS

Não tenho a mínima intenção de tocar em você, Doutor. Mas se lembre disso: na próxima vez que nos encontrarmos, vou marcar seu rosto do modo como fazem com ladrões. (*levanta-se*) O que eu queria mesmo era encher meu cantil.

GAROTA

Nós temos um poço bem fundo com água fresca. Venha, vou lhe mostrar.

Caminham para fora da casa. RAVAL continua deitado por um momento, depois se levanta lentamente e olha ao redor. Não vendo ninguém, pega seu saco e vai embora. JONS mata sua sede e enche o cantil. A GAROTA o ajuda.

JONS

Meu nome é Jons. Sou um jovem agradável e falante que nunca teve nada a não ser pensamentos gentis e só praticou ações belas e nobres. Sou o mais gentil de todos para as jovens. Com elas, não existe limite para minha gentileza.

Ele a abraça e tenta beijá-la, mas ela se afasta. Quase imediatamente ele perde o interesse, guinda o cantil ao ombro e beija a GAROTA na face.

JONS

Adeus, minha garota. Eu poderia muito bem ter estuprado você, mas, aqui entre você e eu, estou cansado desse tipo de amor. Fica um pouco seco no final.

Ele ri gentilmente e caminha se afastando dela. A uma curta distância, ele se vira, a GAROTA ainda está lá.

JONS

Agora que pensei nisso, vou precisar de uma dona de casa. Você sabe fazer uma boa comida? (*a GAROTA acena com a cabeça que não*) Até onde sei, ainda estou casado, mas tenho grande esperança de que minha mulher esteja morta. É por isso que preciso de uma dona de casa. (*a GAROTA não responde mas se levanta*) Vai pro Diabo! Se vai comigo, então se mexa e não fique aí parada. Eu salvei sua vida, então você me deve uma.

Ela começa a caminhar na direção dele, cabeça inclinada. Ele não espera por ela e se dirige para o CAVALEIRO, que pacientemente espera seu escudeiro.

A HOSPEDARIA Atra-Palhação fica na região oriental da província. A peste ainda não chegou a essa área em seu avanço pela costa,

Os atores estacionaram seu carroção sob uma árvore no quintal da hospedaria. Vestidos em costumes coloridos, eles representam uma farsa.

Os espectadores assistem à performance, comentando-a ruidosamente. Há comerciantes de caras gordas, vermelhas de cerveja, aprendizes e diaristas, camponeses e ordenhadoras. Um bando inteiro de crianças macaqueia nas árvores ao redor do carroção.

O CAVALEIRO e seu escudeiro sentaram-se na sombra de uma parede. Bebem cerveja e cochilam no calor do meio-dia. A GAROTA da vila abandonada dorme ao lado de JONS. SKAT bate os tambores, JOF sopra a flauta, MIA executa uma dança alegre e vivaz. Suam sob o ardente sol branco. Quando terminam, SKAT vem para a frente e se inclina.

SKAT

Nobres senhoras e senhores, agradeço-lhes seu interesse. Por favor, fiquem de pé ainda por algum tempo, ou se sentem no chão, porque vamos começar a representar uma tragédia sobre uma esposa infiel, seu marido ciumento e o bonito amante – que serei eu, claro.

MIA e JOF trocaram rapidamente de roupas e estão novamente no palco. Inclina-se para o público.

SKAT

Eis o marido. Eis a esposa. Se olharem direitinho, vão ver algo deveras esplêndido. Como eu disse, eu represento o amante, e ainda não entrei em cena. É por isso que estou indo me esconder atrás da cortina até o momento oportuno. (*enxuga o suor da testa*) Tá um calor do cão aqui. Acho que vem por aí uma tempestade.

Coloca um pé na frente de JOF, como se fosse lhe passar a perna, levanta a saia de MIA, faz cara de quem viu ali todas as maravilhas do mundo e some atrás das cortinas vivamente remendadas.

SKAT é muito formoso, agora que ele pode se ver no reflexo de uma bacia

de lata. Seu cabelo é elegantemente cacheado, suas sobrancelhas são lindamente bastas, brincos reluzentes solicitam atenção igual à de seus dentes, e suas bochechas são de todo rosadas.

Senta-se na traseira do carroção, balançando as pernas e assobiando para si mesmo.

Nesse meio tempo, JOF e MIA representam sua tragédia; ela não é, entretanto, recebida com grande aclamação. SKAT de repente descobre que alguém o está observando enquanto se mira satisfeito no fundo da bacia. Uma mulher está ali, majestosa em altura e volume.

SKAT franze as sobrancelhas, brinca com sua pequena adaga e fortuitamente lança uma olhadela gaiata, mas furiosa, para a bela visitante. Ela de repente descobre que um de seus sapatos está escapando de seu pé. Abaixa-se para ajeitá-lo e, ao fazê-lo, permite que seus generosos seios se libertem de sua prisão – não mais do que a honra e a castidade o permitem, mas o suficiente para que o ator com seu olhar experiente imediatamente veja que ali existem grandes recompensas.

Agora ela se aproxima um pouco mais, ajoelha-se e abre uma trouxa que contém muitos bocados apetitosos e uma garrafa de vinho tinto. JONAS SKAT tenta não cair do carroção com seu entusiasmo. Parado nos degraus do carroção, apóia-se numa árvore próxima, cruza as pernas e se inclina.

A mulher lentamente morde uma coxa de galinha pingando de óleo. Nesse momento o ator é atingido por um raio fulminante de apetites lascivos.

Quando vê esse olhar, SKAT toma uma decisão instantânea, salta para fora do carroção e se ajoelha diante da donzela ruborizada.

Ela fica fraca e pálida com essa proximidade, olha para ele com um olhar vítreo e respira pesado. SKAT não se nega em se apressar para beijar suas mãos pequenas e rechonchudas. O sol brilha intenso e passarinhos fazem barulho nos arbustos.

Agora ela é forçada a se sentar; suas pernas parecem incapazes de suportar por mais tempo. Perdida, ela tira outra coxa de galinha da trouxa de comida e a segura diante de SKAT com uma expressão convidativa e triunfante, como se sua donzelice estivesse sendo oferecida como prêmio.

SKAT hesita momentaneamente, mas ele ainda é o estrategista. Ele deixa a coxa de galinha cair na grama, e murmura algo na orelha rósea da mulher.

Suas palavras parecem agradar a ela, que coloca os braços ao redor do pescoço do ator e o puxa para ela com tal firmeza que ambos perdem o equilíbrio e caem na grama macia. Os passarinhos levantam voo com pipilos assustados.

JOF continua sob o sol quente com uma lanterna bruxuleante na mão. MIA finge estar adormecida num banco que foi empurrado para a frente no palco.

JOF

Noite e luar mais misturados agorinha... / Aqui dorme minha esposa tão fraquinha...

VOZ DO PÚBLICO

Ela está roncando?

JOF

Posso lhe dizer que isto é uma tragédia, e nas tragédias não se ronca.

VOZ DO PÚBLICO

Eu acho que ela bem podia roncar.

Esta opinião produz hilaridade na plateia. JOF fica levemente confuso e sai da personagem, mas MIA mexe a cabeça e começa a roncar.

JOF

Noite e luar misturados agorinha... Ali ronca, isso é, dorme minha esposa tão fraquinha. / Ciumento sou, como nunca fui antes, / esta porta me esconde dos homens restantes. / Fiel ela é, sim, / ao amante, não a mim. / Ele logo vem roubando silencioso / nela despertando um gosto licencioso. / Agora vou matá-lo com um furo no peito / por querer fazer seu ninho justo no meu leito. / Agora lá está ele um fantasma ao luar / Gambitos esticados, esqueleto a brilhar. / Calado como um rato aqui vou me esconder / Mas não digam a ele que ele vai morrer.

JOF se esconde. MIA imediatamente para de roncar e fica em pé, olhando para a esquerda.

MIA

Veja, ali vem ele, a lua no portão / meu amante, delícia de meu coração.

Ela fica em silêncio e olha cuidadosamente à sua frente. O clima no quintal defronte a hospedaria ficou bem mais fresco, apesar do calor.

Agora acontece uma rápida mudança. As pessoas que estavam rindo e comentando ficam silenciosas. Suas faces parecem empalidecer sob suas peles queimadas de sol, as crianças interrompem suas brincadeiras e se mostram assustadas e de olhos amedrontados.

JOF para na frente da cortina. Sua face pintada exhibe uma expressão de horror. MIA se levantou com MIKAEL nos braços. Algumas das mulheres caíram de joelhos, outras escondem os rostos, muitas começam a murmurar preces meio esquecidas.

Todos voltaram seus rostos para a Estrada branca. Agora se ouve uma canção estridente. Ela é frenética, quase um grito. Um Cristo crucificado flutua acima do topo da colina.

Os carregadores da cruz logo são vistos. São monges dominicanos, capuzes cobrindo suas faces. Mais e mais deles se seguem, carregando liteiras com caixões pesados ou erguendo relíquias sagradas, mãos juntas espasmodicamente.

A poeira volteia seus mantos negros, os turíbulos balançam e emitem ruídos metálicos, espalham fumaça com cheiro de ervas rançosas.

Após o grupo de monges vem outra procissão. É uma coluna de homens, meninos, velhos, mulheres, moças, crianças. Todos possuem látigos com pedaços de metal em suas mãos que eles golpeiam contra si mesmos e uns contra os outros, gritando extaticamente. Contorcem-se de dor, seus olhos se esbugalham, seus lábios estão trincados e espumando. Foram apanhados pela loucura. Mordem suas próprias mãos e seus braços, batem uns nos outros violentamente, com pancadas quase ritmadas. Por todo o grupo ressoa uma canção estridente que sai de suas gargantas ardentes. Muitos desmaiam e caem, erguem-se novamente, apoiam-se uns nos outros e se ajudam para intensificar os golpes com os látigos.

Agora a procissão faz uma parada no cruzamento das estradas diante da hospedaria. Os monges caem de joelhos, escondendo seus rostos com mãos espalmadas, braços espremidos um contra o outro. Sua canção não para nunca. A figura de Cristo na cruz de madeira é erguida acima das cabeças da multidão. Não é Cristo triunfante, mas o Jesus sofredor com as chagas, o sangue, os cravos martelados e a face em dor convulsiva. O Filho de Deus, pregado na Madeira da cruz, sofrendo escárnio e vergonha.

Os penitentes mergulharam na poeira da estrada. Eles se prostram onde estão como carneiros degolados. Seus gritos se erguem com a canção dos monges, com nuvens maciças de incenso na direção do fogo branco do sol.

Uma praça descampada. Um MONGE, que estava de joelhos, se levanta e mostra seu rosto, queimado de sol. Seus olhos brilham, sua voz é fraca com um tom impotente.

MONGE

Deus nos sentenciou à punição. Vamos todos perecer na negra morte. Você, que está aí feito um carneirinho mansinho, sentado aí nessa sua complacência empanzinada, você sabe que esta pode ser sua última hora? A morte está bem atrás de você. Posso ver a coroa dela reluzindo ao sol. Sua foice cintila quando levantada acima de suas cabeças. Quem de vocês ela vai atacar primeiro? Você aí, olhando feito uma cabra assustada, sua boca vai ser retorcida até o último suspiro antes do anoitecer? E você, mulher, que viceja de vida e autossatisfação, vai empalidecer e extinguir antes de amanhecer o dia? Você aí atrás, com seu nariz inchado e esse largo sorriso estúpido, você tem mais algum ano para sujar a terra com o lixo que é? Vocês sabem, seus loucos insensíveis, que vão morrer hoje ou amanhã, ou depois de amanhã, por que todos vocês foram condenados? Estão ouvindo o que estou dizendo? Foram condenados, entenderam, condenados!

O MONGE fica calado, olhando ao redor com uma face amarga e um olhar frio, desdenhoso. Agora, ele cerra as mãos, cavalga o chão e vira o rosto para cima.

MONGE

O Senhor tenha piedade de nós em nossa humilhação! Não vire o rosto para nós com repugnância e desprezo, mas seja misericordioso pela graça de seu filho, Jesus Cristo.

Faz o sinal da cruz sobre a multidão e depois começa uma nova canção numa voz forte. Ele se levanta e se junta à canção. Como se dirigidos por uma força sobre-humana, os penitentes começam a se mover lentamente, ainda gemendo e se lamentando.

A procissão continua. Novos membros se juntaram ao final da coluna; alguns que se mostram incapazes de continuar ficam estendidos na poeira da estrada. JONS o escudeiro bebe sua cerveja.

JONS

Essa maldita falação sobre o juízo final. Isso é alguma espécie de alimento para as mentes das pessoas modernas? Elas realmente vão levar isso a sério?

O CAVALEIRO sorri cansado.

JONS

Sim, agora você sorri para mim, meu senhor. Mas me permita dizer que já li, ouvi ou experimentei muitas dessas fábulas que as pessoas contam umas para as outras.

CAVALEIRO

(boceja) Sim, sim.

JONS

Mesmo as histórias de fantasmas sobre Deus Pai, os anjos, Jesus Cristo e o Espírito Santo – todas eu aceitei sem muita emoção.

Olha para a GAROTA enquanto ela se agacha para calçar as sandálias e dá um tapinha na cabeça dela. O CAVALEIRO bebe sua cerveja silenciosamente.

JONS

(com contentamento) Meu pequeno estômago é meu mundo, minha cabeça minha eternidade, e minhas mãos dois magníficos sóis. Minhas pernas dois malditos pêndulos, meus pés sujos dois esplêndidos pontos de partida para minha filosofia. Tudo vale tanto quanto um arrote, a única diferença é que o arrote satisfaz mais e melhor.

O caneco de cerveja está vazio. Piscando, JONS fica em pé. A GAROTA o segue como uma sombra.

No quintal encontram um homem gordo com a cara fuliginosa e expressão pesada. Ele para JONS com um remo.

JONS

O que é que está guinchando aí?

PLOG

Eu sou Plog, o ferreiro, e você é o escudeiro Jons.

JONS

É possível.

PLOG

Você viu minha mulher?

JONS

Não, não vi. Mas se tivesse visto e ela fosse como você, ia esquecer dela bem depressinha.

PLOG

Bom, nesse caso você não a viu por aí.

JONS

Vai ver ela se mandou.

PLOG

Você sabe alguma coisa?

JONS

Eu sei alguma coisa, mas não sobre sua mulher. Vai ali na hospedaria. Quem sabe te ajudem lá.

O ferreiro suspira tristemente e vai para dentro.

A hospedaria é muito pequena e está cheia de gente comendo e bebendo para esquecer seu recentemente adquirido temor da eternidade. Na lareira acesa um porco está sendo assado girando num espeto de ferro. O sol brilha do lado de fora de uma pequena janela, seus raios perfuram a escuridão da sala, que cheira a fumaça e suor.

MERCADOR

Sim, é verdade! A peste está se alastrando no lado oeste. As pessoas estão morrendo como moscas. Geralmente os negócios vão bem nessa época do ano, mas, maldição, todo o meu estoque ainda está na loja.

MULHER

Falam do dia do julgamento final. E todas essas maldições são terríveis. Vermes, mãos apodrecidas e outras monstruosidades começaram a aparecer numa velha, e lá em baixo na aldeia uma outra mulher deu à luz um bebê com cabeça de cabrito.

VELHO

O dia do julgamento final. Imagine.

FAZENDEIRO

Já faz um ano que não chove. Vamos perder nossas colheitas.

MERCADOR

E as pessoas estão agindo feito loucas, é o que eu digo. Correm pelos campos e levam a peste com elas por onde andam.

VELHO

O dia do julgamento final. Pensem nisso, pensem nisso!

FAZENDEIRO

Se é como dizem, suponho que uma pessoa deveria ficar e cuidar de sua casa e tentar curtir a vida o mais que pudesse.

MULHER

Mas há outras coisas também, coisas de que não se pode falar assim abertamente. (*bem baixo*) Coisas que não se pode nomear – mas os padres dizem que a mulher a carrega no meio das pernas e é por isso que ela tem de se limpar.

VELHO

Dia do julgamento final. E os Cavaleiros do Apocalipse já estão ali na curva da estrada da aldeia. Eu imagino que devem chegar de noitinha, depois do por do sol.

MULHER

Tem muita gente que se purificou com fogo e morreu com o fogo, mas os padres dizem que é melhor morrer puro que viver no inferno.

MERCADOR

Isso é o fim, sim, é o fim. Ninguém diz isso em voz alta, mas todos nós sabemos que é o fim. E pessoas estão ficando loucas de medo.

FAZENDEIRO

Então você também está com medo.

MERCADOR

Claro que estou com medo.

VELHO

O julgamento final começa esta noite, e os anjos vão descer e os túmulos vão se abrir. Vai ser terrível ver tudo isso.

Todos murmuram em voz alta e se sentam um perto do outro.

PLOG, o ferreiro, dá encontrões abrindo seu caminho para um lugar perto de JOF, que ainda está vestido com seu terno. Em frente a ele está RAVAL, inclinado levemente para a frente, o rosto suando muito. RAVAL rola um bracelete sobre a mesa.

RAVAL

Você quer este bracelete? Pode comprar bem barato.

JOF

Não posso me dar esse luxo.

RAVAL

É prata legítima.

JOF

È bonito. Mas com certeza é muito caro para mim.

PLOG

Desculpe-me, mas alguém aí viu minha mulher?

JOF

Ela desapareceu?

PLOG

Dizem que ela fugiu, foi embora.

JOF

Ela abandonou você?

PLOG

Com um ator.

JOF

Um ator! Se ela tem tão mau gosto, então acho que você devia mesmo deixar ela ir embora.

PLOG

Tem razão. Meu primeiro pensamento, claro, foi matar aquela mulher.

JOF

Oh. Mas matar é uma coisa horrível de fazer.

PLOG

E também vou matar o ator.

JOF

O ator?

PLOG

Claro, o cara com quem ela se envolveu.

JOF

O que ele fez para merecer isso?

PLOG

Você é tonto ou o quê?

JOF

O ator! Agora entendi. Há muitos deles, de modo que se ele não fez nada em particular você deveria mesmo matar o cara tão somente porque ele é um ator.

PLOG

Veja só, minha mulher sempre se interessou por essas coisas de teatro.

JOF

E isso acabou sendo o azar dela.

PLOG

O dela, mas não o meu, porque uma pessoa que nasceu sem sorte dificilmente poderá sofrer mais algum azar. Não é verdade?

Agora RAVAL entra na discussão. Está solenemente bêbado e sua voz está trêmula e rouca.

RAVAL

Ouçam, vocês! Ficam aí sentados mentindo para o ferreiro.

JOF

Eu! Um mentiroso!

RAVAL

Você é um ator também e foi provavelmente seu parceiro que fugiu com a velha mulher de Plog.

PLOG

Você é ator também?

JOF

Ator! Eu! Jamais gostaria de ser chamado assim!

RAVAL

A gente devia matar você, seria lógico.

JOF

(rindo) Vocês são mesmo engraçados.

RAVAL

Que estranho – você ficou pálido. Tem algum problema aí na sua consciência?

JOF

Você é engraçado. Não acha que ele é engraçado? (para Plog) Oh, você não.

RAVAL

Talvez a gente te faça uma marca com uma faca, como fazem os canalhas da sua marca.

PLOG bate as mãos na mesa e os pratos pulam. Ele se levanta.

PLOG

(gritando) O que você fez com minha mulher?

O cômodo fica silencioso. JOF olha em volta, mas não há saída, não há jeito de escapar. Coloca as mãos na mesa. De repente uma faca brilha no ar e mergulha na mesa entre seus dedos.

JOF fecha as mãos e levanta a cabeça. Olha, surpreso, como se a fé se tivesse tornado aparente para ele.

JOF

Você quer me ferir? Por quê? Eu provoquei alguém, ou fiz alguma coisa errada? Vou embora agora mesmo e não volto nunca mais.

JOF olha para cada rosto, mas ninguém parece disposto a ajudar ou sair em sua defesa.

RAVAL

Levanta pra te ouvirem. Fala alto.

Tremendo, JOF se ergue. Abre a boca para falar alguma coisa, mas nenhuma palavra sai dela.

RAVAL

Levanta a cabeça pra gente ver que bom ator que você é.

JOF sobe à mesa e ergue a cabeça. Uma mão o puxa para a frente e ele cai no chão. PLOG se levanta, pega-o e o põe de pé.

PLOG

(grita) O que foi que você fez com minha mulher?

PLOG bate nele furiosamente e JOF desliza pela mesa. RAVAL se inclina sobre ele.

RAVAL

Não fique aí resmungando. Levanta e dança.

JOF

Eu não quero. Não consigo.

RAVAL

Mostra aí como você imita um urso.

JOF

Não sei fazer um urso.

RAVAL

Vamos ver se sabe ou não sabe.

RAVAL espeta JOF levemente com a ponta da faca. JOF se levanta com suor frio nas faces e na testa, assustado com a morte. Começa a pular pelas mesas, balançando os braços e pernas e fazendo caretas grotescas. Alguns riem, mas a maioria das pessoas fica em silêncio. JOF tosse como se seus pulmões fossem explodir. Cai de joelhos, e alguém despeja cerveja sobre ele.

RAVAL

De pé de novo! Seja um urso bonzinho.

JOF

Eu não fiz mal nenhum. Não tenho mais forças para fazer um urso...

Nesse momento a porta se abre e JONS entra. JOF vê sua oportunidade e foge. RAVAL tenta segui-lo, mas de repente para. JONS e RAVAL olham um para o outro.

JONS

Você se lembra do que eu ia fazer com você se a gente se encontrasse de novo?

RAVAL dá um passo para trás sem falar.

JONS

Eu sou um homem que mantém sua palavra.

JONS levanta sua faca e corta RAVAL da testa até a bochecha. RAVAL recua até a parede.

O dia quente se tornou noite. Cantos e gritos podem ser ouvidos vindo da hospedaria. Num buraco perto da floresta ainda há luz. Escondidos na grama e nas moitas, rouxinóis cantam e suas vozes ecoam na quietude.

O carroção dos atores está parado numa pequena ravina, e não longe dali o cavalo pasta na grama seca. MIA sentou-se diante do carroção com o filho nos braços. Brincam juntos e riem felizes.

Agora, um macio raio de luz atinge o topo das Colinas, um último reflexo das nuvens vermelhas sobre o mar.

Não longe do carroção, o CAVALEIRO se senta debruçado sobre seu tabuleiro de xadrez. Levanta a cabeça.

A luz da tarde se move pelas pesadas rodas do carroção, pela mulher e pela criança. O CAVALEIRO se levanta.

MIA o vê e sorri. Pega o menino e o ergue para o colo, para divertir o CAVALEIRO.

CAVALEIRO

Qual o nome dele?

MIA

Mikael.

CAVALEIRO

Qual a idade dele?

MIA

Oh, logo vai fazer dois anos.

CAVALEIRO

É grande para a idade dele.

MIA

Você acha? Sim, é bem grandinho.

Ela coloca o menino no chão e sorri a meio enquanto ele segura sua saia vermelha. Quando ela se senta novamente, o CAVALEIRO chega mais perto.

CAVALEIRO

Você representou um tipo de espetáculo na hora do almoço.

MIA

Você achou ruim?

CAVALEIRO

Você está mais bonita agora sem o rosto pintado e esse vestido é mais gracioso.

MIA

Você vê, Jonas Skat foi embora e nos deixou, e estamos em sérias dificuldades.

CAVALEIRO

Ele é seu marido?

MIA

(*ela ri*) Jonas! O outro homem é meu marido. Seu nome é Jof.

CAVALEIRO

Oh, aquele um lá.

MIA

E agora estamos só ele e eu. Temos que voltar a fazer pantomimas e isso dá mais trabalho do que merece.

CAVALEIRO

Vocês fazem pantomimas também?

MIA

Claro que fazemos. E Jof é um palhaço muito habilidoso.

CAVALEIRO

E Mikael vai ser um acrobata?

MIA

Jof quer que ele seja.

CAVALEIRO

Mas você não quer.

MIA

Eu não sei. (*sorrindo*) Talvez ele se torne um cavaleiro.

CAVALEIRO

Eu lhe asseguro, não há prazer nenhum nisso.

MIA

Você não parece mesmo feliz.

CAVALEIRO

Não, não sou.

MIA

Está cansado?

CAVALEIRO

Sim.

MIA

Por quê?

CAVALEIRO

Tenho companhia idiota.

MIA

Está falando de seu escudeiro?

CAVALEIRO

Não, não ele.

MIA

De quem está falando então?

CAVALEIRO

De mim mesmo.

MIA

Entendo.

CAVALEIRO

Entende, mesmo?

MIA

Sim, eu entendo muito bem. Tenho perguntado muitas vezes por que as pessoas se torturam sempre que podem. Não é o que fazem?

Ela balança a cabeça energicamente dizendo não e o CAVALEIRO sorri gravemente. Agora os gritos e o barulho da hospedaria se tornam mais altos. Figuras de preto correm pelo mato. Alguém cai, se levanta e corre. É JOF. MIA abre os braços e o recebe. Ele coloca as mãos no rosto, chorando como uma criança e seu corpo treme. Cai de joelhos. MIA o mantém perto de seu corpo e o sufoca com perguntas pequenas e ansiosas. O que você fez? Como está? O que foi isso? Dói? Dói muito? O que posso fazer? Foram muito cruéis com você? Ela corre para pegar uma caneca, mergulha numa grande vasilha com água e cuidadosamente lava o rosto sujo e ensanguentado do marido.

Momentaneamente emerge um rosto cheio de tristeza. O sangue brota de um corte na testa e no nariz, e um dente foi perdido. Mas JOF parece não estar ferido.

JOF

Uh, dói.

MIA

Por que você tinha de ir lá? E é claro que bebeu.

A ansiedade de MIA foi substituída por uma raiva suave. Ela o mima um pouco mais que o necessário.

JOF

Uh! Eu não bebi nada.

MIA

Então suponho que esteve discutindo sobre os anjos e os diabinhos que vivem com você. As pessoas não gostam de quem tem ideias e fantasias demais.

JOF

Eu juro que não disse uma palavra sobre anjos.

MIA

Claro, você devia estar ocupado cantando e dançando. Você não consegue deixar de ser ator. As pessoas se irritam com isso, você sabe muito bem.

JOF não responde mas procura o bracelete. Segura-o na frente de MIA com uma expressão injuriada.

MIA

Você não podia fazer isso.

JOF

(zangado) Mas fiz, e pronto.

O bracelete brilha levemente no crepúsculo. MIA o coloca no pulso. Olham para ele em silêncio, e seus rostos ficam serenos. Olham um para o outro, tocam as mãos um do outro. JOF coloca a cabeça no ombro de MIA e sorri.

JOF

Oh, como bateram em mim.

MIA

Por que não bateu neles de volta?

JOF

Só fiquei assustado e com raiva. Não tive nenhuma chance de revidar. Fico muito irritado, você sabe. Rugi como um leão.

MIA

Eles ficaram assustados?

JOF

Não, apenas riram de mim.

Seu filho MIKAEL engatinha até eles. JOF se deita no chão, puxa o filho para perto de si e o coloca em suas costas. MIA se ajoelha e se inclina com mãos no chão e bem humoradamente relincha e funga para MIKAEL.

MIA

Percebeu como ele está cheiroso?

JOF

E com as carnes bem durinhas. Magnífico. O corpo de um verdadeiro acrobata.

Ele ergue MIKAEL e o segura pelas pernas. MIA olha e de repente se lembra da presença do CAVALEIRO.

MIA

Sim, este é meu marido, Jof.

JOF

Boa tarde.

CAVALEIRO

Boa tarde.

JOF fica um pouco embaraçado e se levanta. Os três se olham silenciosamente.

CAVALEIRO

Eu acabei de dizer à sua mulher que vocês têm um filho esplêndido. Ele vai trazer muita alegria para vocês.

JOF

Sim ele é muito bom.

Ficam novamente em silêncio.

JOF

Não temos nada para oferecer ao CAVALEIRO, Mia?

CAVALEIRO

Obrigado, não quero nada.

MIA

(como boa dona de casa) Eu colhi uma cesta de morangos silvestres na hora do almoço. E temos um pouco de leite de vaca fresco.

JOF

Que estamos autorizados a beber. Então, se aceitar partilhar conosco essa humilde refeição, ficaremos muito honrados.

MIA

Por favor, sente-se, vou trazer a comida.

Eles se sentam. MIA desaparece com MIKAEL.

CAVALEIRO

Para onde vai depois daqui?

JOF

Para a feira dos santos em Elsinore.

CAVALEIRO

Eu não o aconselharia a ir para lá.

JOF

Por quê, se posso lhe perguntar?

CAVALEIRO

A peste se espalhou naquela direção, seguindo a costa sul. Dizem que as pessoas estão morrendo às dezenas de milhares.

JOF

Verdade! Bom, às vezes a vida é um pouco difícil.

CAVALEIRO

Posso sugerir...

JOF olha para ele, surpreso.

CAVALEIRO

... que você me siga pela floresta esta noite e fique em minha casa se quiser. Ou ir em frente pela costa leste. Provavelmente vai estar mais seguro lá.

MIA voltou com uma tigela com morangos silvestres e leite, coloca-a entre eles e dá uma colher para cada um.

JOF

Eu lhes desejo bom apetite.

CAVALEIRO

Eu lhes agradeço sinceramente.

MIA

Estes são morangos silvestres da floresta. Nunca vi tão grandes. Cresceram lá pelos lados da colina. Sinta como são perfumados!

Ela aponta com a colher e sorri. O CAVALEIRO balança a cabeça, como se estivesse ponderando sobre um pensamento profundo. JOF come com vontade.

JOF

Sua sugestão é boa, mas vou pensar nela mais tarde.

MIA

Seria sábio e prudente ter companhia para atravessar a floresta. Dizem que lá existem gigantes e fantasmas e bandidos. É o que ouvi dizerem.

JOF

(resolutamente) Sim, eu diria que não é uma má ideia, mas preciso pensar um pouco. Agora que Skat foi embora, sou o responsável pela trupe. Além disso, me tornei o diretor da companhia.

MIA

(com mímica) Além disso, me tornei o diretor da companhia.

JONS chega caminhando lentamente colina a baixo, seguido de perto pela GAROTA. MIA aponta com a colher.

MIA

Vocês querem morangos?

JOF

Esse homem salvou minha vida. Sente-se, meu amigo, fiquemos juntos.

MIA

(apertando-se) Oh, que bom estarmos assim.

CAVALEIRO

Por algum tempo apenas.

MIA

Quase sempre. Um dia é como o outro. Não há nada de estranho nisso. O verão, é claro, é melhor que o inverno, porque no verão não temos que sentir frio. Mas a primavera é o melhor de tudo.

JOF

Eu escrevi um poema sobre a primavera. Talvez vocês gostassem de ouvir. Vou pegar minha lira.

Corre para o carroção.

MIA

Não agora, Jof. Nossos convidados não vão se divertir com suas canções.

JONS

(polidamente) Por falar nisso, eu também escrevo canções. Por exemplo, sei uma canção muito engraçada sobre um peixe folgazão que acho que vocês ainda não ouviram.

O CAVALEIRO olha para ele.

JONS. E também não vão ouvir agora. Há pessoas que não apreciam minha arte e não quero decepcionar ninguém. Sou uma alma sensível.

JOF chega com sua lira, senta-se num caixote pequeno e dedilha o instrumento, murmurando baixinho, procurando sua melodia. JONS boceja e se deita.

CAVALEIRO

Há pessoas que se perturbam com tão pouco.

MIA

É sempre melhor quando um é dois. Você tem alguém para você?

CAVALEIRO

Sim, eu acho que tenho alguém.

MIA

E o que ela está fazendo agora?

CAVALEIRO

Não sei.

MIA

Você parece tão solene. Ela era sua amada?

CAVALEIRO

Éramos recém casados e vivíamos bem juntos. Nos divertimos um bocado. Escrevi canções para os olhos dela, para seu nariz, para suas belas orelhinhas. Caçávamos juntos e à noite dançávamos. A casa vivia cheia de vida...

MIA

Você quer mais morangos?

CAVALEIRO

(balança a cabeça) A fé é um tormento, sabia? É como amar alguém que está longe na escuridão e nunca aparece, por mais alto que chamemos.

MIA

Não compreendo o que quer dizer.

CAVALEIRO

Tudo o que eu disse parece sem sentido e irreal quando me sento aqui com você e seu marido. Como tudo de repente parece tão sem importância.

Pega a tigela de leite e bebe sofregamente. Depois recoloca a tigela no lugar e olha para cima, sorrindo.

MIA

Você não parece mais tão solene.

CAVALEIRO

Vou me lembrar deste momento. O silêncio, o crepúsculo, as tigelas de morangos e leite, os rostos de vocês na meia-luz. Mikael dormindo, Jof com sua lira. Vou tentar me lembrar do que falamos. Vou carregar esta lembrança entre minhas mãos tão cuidadosamente como se fosse uma tigela cheia até a borda de leite fresco.

Vira o rosto para lugar nenhum e olha para o mar e o céu cinzento sem cor.

CAVALEIRO

E o céu será um símbolo adequado – será suficiente para mim.

Ele se levanta, cumprimenta os outros com a cabeça e caminha na direção da floresta. JOF continua a tocar sua lira. MIA se estica na grama.

O CAVALEIRO pega seu jogo de xadrez e o leva para a praia, que está quieta e deserta. O mar está calmo.

MORTE

Estava esperando você.

CAVALEIRO

Me perdoe. Fui interrompido por alguns momentos. Porque lhe revelei minha tática, estou na retranca. É sua vez.

MORTE

Por que essa cara de satisfeito?

CAVALEIRO

É segredo.

MORTE

Naturalmente. Agora eu como seu peão.

CAVALEIRO

Fez exatamente o que eu queria.

MORTE

Você me pegou?

CAVALEIRO

Naturalmente. Você caiu na armadilha. Cheque!

MORTE

Está rindo de quê?

CAVALEIRO

Não se preocupe com minha risada; em vez disso, salve seu rei.

MORTE

Você é um bocado arrogante.

CAVALEIRO

Nosso jogo me diverte.

MORTE

É sua vez. Depressa. Estou com um pouco de pressa.

CAVALEIRO

Entendo que você tem muita coisa para fazer, mas não pode desistir de nosso jogo. Vai durar muito tempo.

A MORTE parece que vai responder mas se interrompe e cai sobre o tabuleiro. O CAVALEIRO sorri.

MORTE

Você vai acompanhar o saltimbanco e sua mulher através da floresta? Aqueles cujos nomes são Jof e Mia, que têm um filho pequeno?

CAVALEIRO

Por que pergunta?

MORTE

Oh, por nada, por nada.

O CAVALEIRO de repente para de sorrir. A MORTE olha para ele sarcasticamente.

Imediatamente após o pôr do sol, a pequena companhia se reúne no quintal da hospedaria. Ali estão o CAVALEIRO, JONS e a GAROTA, JOF e MIA no carroção. O filho deles, MIKAEL, já está dormindo. JONAS SKAT ainda não apareceu.

JONS entra na hospedaria para pegar provisões para a noite e para um último gole de cerveja. A hospedaria agora está vazia e quieta, mas há alguns fazendeiros e algumas moças ceando numa mesa no canto. Perto de uma das pequenas janelas está sentado um camarada muito curvado, sozinho, com

uma garrafa de conhaque nas mãos. Tem uma expressão muito triste. Num determinado momento é atacado por um gigantesco soluço. É PLOG, o ferreiro, que se senta e choraminga.

JONS

Deus do céu, mas esse aí não é Plog, o ferreiro?

PLOG

Boa noite.

JONS

Está aí sentado sozinho se lamuriando?

PLOG

Sim, sim, olhe só para o ferreiro, resmungando como um coelho.

JONS

Se eu estivesse no seu lugar, até preferiria me livrar de uma mulher desse jeito tão fácil.

JONS dá um tapinha nas costas do ferreiro, mata sua sede com cerveja, e se senta ao seu lado.

PLOG

Você é casado?

JONS

Eu! Mais de cem vezes. Não dou conta de quantas esposas já tive. Mas é sempre assim quando se é um viajante perambulante.

PLOG

Posso lhe assegurar que uma esposa é pior do que ter uma centena, ou então tive mais azar do que um miserável nesse mundo desgraçado, o que é impossível.

JONS

Sim, é o inferno com as mulheres e é o inferno sem elas. Então, seja como for que se veja isso, ainda é melhor matar todas elas enquanto for divertido.

PLOG

Mulheres incomodam, o choro estridente das crianças e as fraldas molhadas e sujas, unas compridas e palavras afiadas, xingamentos e empurrões, e uma tia do diabo por sogra. E depois, quando se quer dormir depois de um longo dia, lá vem uma cançãozinha nova – lágrimas, queixas, lamúrias em voz tão alta pra acordar até os mortos.

JONS sacode a cabeça com satisfação. Bebeu um porre e fala com a voz de uma velha.

JONS

Por que você não me deu um beijo de boa noite?

PLOG

(do mesmo modo) Por que não cantou uma musiquinha pra mim?

JONS

Por que não me ama como quando nos conhecemos?

PLOG

Por que olha pra minha calcinha nova?

JONS

Você só se vira de costas e ronca.

PLOG

Oh que inferno!

JONS

Oh que inferno. E agora ela foi embora. Alegria!

PLOG

(*furioso*) Vou fechar o focinho delas com pregos, vou achatar seus peitos com um martelo, vou esmigalhar suas cabeças bem devagarinho com uma marreta.

PLOG começa a chorar muito alto e todo seu corpo treme num enorme ataque de tristeza. JONS olha para ele com interesse.

JONS

Olha só como ele está uivando agora.

PLOG

Talvez eu a ame.

JONS

Então é isso, talvez você a ame, seu pobre pernil de presunto mal defumado! Vou lhe dizer o que o amor é. Só uma outra palavra para lascívia, mais lascívia, mais lascívia e mais um monte de enganos, falsidade, mentiras e todo tipo de loucuras da espécie.

PLOG

Sim, mas machuca, de todo jeito.

JONS

Claro. O amor é a mais negra de todas as pragas, e se alguém pudesse morrer dela, ainda assim haveria prazer no amor. Mas a gente sempre se cura dela.

PLOG

Não, não, não eu.

JONS

Não, você também. Só existe um casal de desgraçados que morre de amor a cada vez. O amor é tão contagioso como catarro no nariz. Ele devora sua força, sua independência, sua moral, se você tiver alguma. Se tudo é imperfeito nesse mundo imperfeito, o amor é a coisa mais perfeita em sua perfeita imperfeição.

PLOG

Você está feliz, você e suas palavras gordurosas, e, além disso, acredita em suas próprias bobagens.

JONS

Acreditar! Quem disse que acredito nisso? Mas eu gosto de dar bons conselhos. Se me pedir um conselho, leva dois pelo preço de um, porque eu sou realmente um cara educado.

JONS se levanta da mesa e bate no rosto com as mãos. PLOG faz cara de muito infeliz e aperta o cinto.

PLOG

Ouça, Jons. Posso ir com você pela floresta? Estou sozinho e não quero voltar para casa porque todos vão rir de mim.

JONS

Só se você não choramingar o tempo todo, porque se for assim vou deixar você para trás.

PLOG se levanta e abraça JONS. Levemente bêbados, os dois novos amigos caminham até a porta.

Já do lado de fora, JOF imediatamente os vê, fica irritado e grita um aviso para JONS.

JOF

Jons! Cuidado. Esse aí só quer brigar todo o tempo. É meio maluco.

JONS

Sim, eu sei, mas agora está só choramingando.

PLOG chega perto de JOF, que fica branco de medo. PLOG oferece sua mão.

PLOG

Realmente sinto muito se te magoo, mas essa é a droga do meu temperamento, sabe? Aperta minha mão, cara.

JOF cautelosamente oferece uma mão medrosa e a sente apertada muito fortemente. Enquanto JOF tenta retirar seus dedos, PLOG é apanhado por uma enorme boa vontade e abre os braços.

PLOG

Dê cá um abraço, irmãozinho.

JOF

Obrigado, obrigado, mais tarde, talvez. Agora estamos mesmo com muita pressa.

JOF sobe no carroção rapidamente, acomodando-se no banco e fustiga o cavalo.

A pequena companhia agora está em seu caminho rumo à floresta e à noite. Está escuro na floresta.

Primeiro chega o CAVALEIRO em seu cavalo grande. Depois JOF e MIA seguem, sentados perto um do outro no carroção dos saltimbancos. MIA segura o filho nos braços.

JONS os segue a pé com seu cavalo pesadamente carregado. O ferreiro vai ao seu lado. A GAROTA está sentada no alto da carga nas costas do cavalo, curvada como se estivesse dormindo.

Os rastros, os passos pesados dos cavalos no chão macio do caminho, a respiração humana – mas tudo está quieto.

Então a lua navega para for a das nuvens. A floresta de repente se torna viva com a irrealidade da noite. A luz deslumbrante cai sobre a folhagem densa das árvores, um mundo trêmulo e móvel de luz e sombra.

Os andarilhos param. Seus olhos estão sombrios de ansiedade e presságios. Suas faces estão pálidas e irreais na luz flutuante. Tudo está muito quieto.

PLOG

Agora a lua saiu de trás das nuvens.

JONS

Assim está melhor. Agora podemos ver melhor a estrada.

MIA

Não gosto da lua esta noite.

JOF

As árvores estão tão paradas.

JONS

É porque não há vento.

PLOG

Acho que ele quis dizer que elas estão muito paradas.

JOF

Estão absolutamente paradas.

JONS

A gente poderia ouvir uma raposa caminhando por aí.

JOF

Ou uma coruja.

JONS

Ou uma voz humana além da própria voz.

GAROTA

Dizem que é perigoso ficar parado na luz da lua.

De repente, vindo do silêncio e da luz quase invisível que caiu sobre a floresta, emerge uma carroça fantasma. É a FEITICEIRA sendo levada para o lugar onde vai ser queimada. Perto dela, oito soldados caminham desordenados e cansados, lanças às costas. A GAROTA está sentada na carroça, presa com cadeias de ferro na garganta e nos braços. Olha fixamente para o luar.

Uma figura de preto está sentada perto dela, um MONGE com o capuz cobrindo a cabeça.

JONS

Onde estão indo?

SOLDADO

Para o lugar da execução.

JONS

Sim, é o que estou vendo. É a garota que fez coisas com o Bicho-preto? A feiticeira.

O SOLDADO concorda asperamente. Hesitantes, os viajantes seguem. O CAVALEIRO guia seu cavalo para perto da carroça. A FEITICEIRA parece estar semiconsciente, mas seus olhos estão bem abertos.

CAVALEIRO

Estou vendo que machucaram suas mãos.

O rosto pálido e infantil da FEITICEIRA se volta para o CAVALEIRO e ela balança a cabeça.

CAVALEIRO

Eu tenho aqui uma poção que vai parar sua dor.

Ela balança a cabeça novamente.

JONS

Por que vão queimá-la a esta hora da noite? As pessoas têm pouca coisa pra se divertir nesses tempos.

SOLDADO

Os santos nos protejam, cale a boca! Dizem que ela traz o Diabo dentro dela onde quer que ela vá.

JONS

Então, vocês são oito bravos homens.

SOLDADO

Bom, fomos bem pagos. E este é um trabalho voluntário.

O SOLDADO fala sussurrando enquanto olha ansiosamente para a FEITICEIRA.

CAVALEIRO

(para a FEITICEIRA) Qual seu nome?

TYAN

Meu nome é Tyan, senhor.

CAVALEIRO

Qual sua idade?

TYAN

Catorze , senhor.

CAVALEIRO

E é verdade que você fez um pacto com o Diabo?

TYAN balança a cabeça silenciosamente e olha para longe. Agora chegam perto de uma igreja. No pé das colinas vizinhas há um cruzamento de estradas. A pira já está pronta no centro de uma clareira da floresta. Os viajantes param aí, hesitantes e curiosos.

Os SOLDADOS amarraram o cavalo da carroça e pegam, da pira, dois feixes longos de lenha e os usam como escadas para subir na pira. TYAN será amarrada ali como pele de animal esticada para secar.

O som de marteladas ecoa pela floresta. O CAVALEIRO apeou e caminha perto da carroça. De novo tenta olhar nos olhos de TYAN, toca-a de muito leve como para a despertar. Lentamente ela vira o rosto para ele.

CAVALEIRO

Dizem que você fez um pacto com o Diabo.

TYAN

Por que pergunta isso?

CAVALEIRO

Não por curiosidade, mas por razões muito pessoais. Quero me encontrar com ele.

TYAN

Por quê?

CAVALEIRO

Quero perguntar a ele sobre Deus. Só ele, e quem mais? deve saber.

TYAN

Você pode vê-lo a qualquer hora.

CAVALEIRO

Como?

TYAN

Tem que fazer como lhe digo.

O CAVALEIRO segura a roda de madeira da carroça tão fortemente que as juntas de suas mãos ficam brancas. TYAN se inclina para a frente e junta seu olhar ao dele.

TYAN

Olhe nos meus olhos.

O CAVALEIRO faz seu olhar encontrar o dela. Olham-se mutuamente por um longo tempo.

TYAN

O que está vendo? Consegue ver o Diabo?

CAVALEIRO

Vejo medo em seus olhos, um medo vazio, paralisado. E nada mais que isso.

Fica em silêncio. Os SOLDADOS trabalham nas estacas, seus martelos ecoam na floresta.

TYAN

Ninguém, nada, ninguém?

CAVALEIRO

(balança a cabeça) Não.

TYAN

Pode ver se tem alguém atrás de você?

CAVALEIRO

(*olha ao redor*) Não, não há ninguém aqui.

TYAN

Mas ele está comigo em toda parte. Basta eu apertar as mãos e sinto que ele está dentro delas. Ele está comigo agora. O fogo não vai me machucar. Ele vai me proteger contra todo mal.

CAVALEIRO

Ele te disse isso?

TYAN

Eu sei disso.

CAVALEIRO

Ele disse isso?

TYAN

Eu sei, eu sei. Você tem que vê-lo em algum lugar, tem que vê-lo. Os padres não

tiveram nenhuma dificuldade em vê-lo, nem os soldados. Todos têm tanto medo dele que nem ousam tocar em mim.

O som das marteladas para. Os SOLDADOS ficam parados como sombras negras atoladas no brejo. Manejam desajeitadamente as correias e puxam o ferro do pescoço. TYAN geme fracamente, como se estivesse muito longe dali.

CAVALEIRO

Por que vocês prenderam as mãos dela?

SOLDADO

(rudemente) Nós não fizemos isso.

CAVALEIRO

Quem prendeu então?

SOLDADO

Pergunte ao monge.

Os SOLDADOS puxam o ferro e as correntes. A cabeça raspada de TYAN sente o puxão, brilhando ao luar. Sua boca enegrecida se abre como se ela fosse gritar, mas não sai nenhum som. Eles a tiram da carroça e a levam para a escada e a estaca. O CAVALEIRO se volta para o MMONGE, que permanece sentado na carroça.

CAVALEIRO

O que fizeram com a garota?

A MORTE aparece e olha para ele.

MORTE

Você não para nunca de fazer perguntas?

CAVALEIRO

Não, não vou parar nunca.

Os SOLDADOS amarram TYAN aos feixes da escada. Ela se submete resignadamente, geme fracamente como um animal e tenta ajeitar o corpo numa posição mais suportável.

Depois de tê-la amarrado, eles se preparam para acender a pira. O CAVALEIRO sobe e se atira sobre ela, protegendo-a.

JONS

Por um momento, pensei em matar os soldados, mas isso não seria bom. Ela já está quase morta.

Um dos soldados se aproxima. Uma pequena nuvem de fumaça sai da pira e se mistura às sombras quietas do cruzamento das estradas e da colina.

SOLDADO

Eu lhe disse para ser cuidadoso. Não chegue muito perto dela.

O CAVALEIRO não ouve esse aviso. Faz uma concha com as mãos, enche-a com a água do cantil e a dá para TYAN. Depois lhe dá uma poção.

CAVALEIRO

Tome isto, vai acabar com sua dor.

A fumaça avança sobre eles e eles começam a tossir. Os soldados se adiantam e levantam a escada contra um abeto próximo. TYAN fica suspense ali sem se mexer, olhos esbugalhados.

O CAVALEIRO se encolhe e fica imóvel. JONS está atrás dele, voz embargada pela raiva.

JONS

O que ela está vendo? Pode me dizer?

CAVALEIRO

(balança a cabeça) Ela não está sentindo mais dor.

JONS

Você não respondeu minha pergunta. Quem está cuidando dessa garota? Os anjos, ou deus, ou o Diabo, ou só o vazio? O grande vazio, senhor!

CAVALEIRO

Isso não pode ser.

JONS

Olhe para os olhos dela, senhor. Seu pobre cérebro acabou de fazer uma descoberta. O vazio sob a lua.

CAVALEIRO

Não.

JONS

Aqui ficamos sem poder algum, os braços pendentes ao lado do corpo, porque vemos o que ela vê, e nosso terror e o dela são o mesmo. (um suspiro) Pobre garotinha, não compreendo, não aguento isso...

Sua voz apunhala sua garganta e de repente ele se levanta e caminha. O CAVALEIRO monta em seu cavalo. Os viajantes partem dali. TYAN finalmente fecha os olhos.

A floresta está novamente muito escura. A estrada serpenteia entre as árvores. O carroção range e chacoalha sobre pedras e raízes. Um pássaro guincha de repente.

JOF ergue a cabeça e acorda. Havia dormido com os braços ao redor dos ombros de MIA. O CAVALEIRO está silhuetado contra os troncos das árvores.

Seu silêncio o faz parecer quase irreal. JONS e PLOG estão ligeiramente bêbados e se apoiam um no outro. De repente PLOG se senta. Coloca as mãos no rosto e resmunga lastimosamente.

PLOG

Oh, agora me acontece isso de novo!

JONS

Não grite. O que está acontecendo?

PLOG

Minha mulher, merda. Ela é tão bonita. Ela é tão bonita que só pode ser descrita com o acompanhamento de uma lira.

JONS

Agora vai começar de novo.

PLOG

O sorriso dela é como conhaque. Seus olhos são como amoras...

PLOG procura palavras bonitos. Gesticula às apalpadelas com suas mãos grandes.

JONS

(suspira) Levante-se, seu porco ensopado de lágrimas. Vamos nos perder dos outros.

PLOG

Sim, claro, claro. O nariz dela é um tomate vermelhinho, sua bunda uma pera suculenta, ela toda um canteiro de morangos. Posso vê-la na minha frente, braços como maravilhosos pepinos.

JONS

Meus santos todo-poderosos, pára com isso. Você como poeta é um poeta, mesmo descontando que está bêbado. E sua horta de frutas e vegetais me dá nojo.

Caminham agora por uma campina aberta. Aí está um pouco mais brilhante e a lua bruxuleia num céu rarefeito. De repente aponta um dedo para a orla da floresta.

PLOG

Olhe lá.

JONS

Está vendo alguma coisa?

PLOG

Lá, lá adiante!

JONS

Não estou vendo nada.

PLOG

Se liguem , meus camaradas; A hora final está chegando! Quem é que está ali na orla da floresta se não minha amada idolatrada, com o ator grudado nela?

Os dois amantes descobrem PLOG e percebem que é tarde demais. Não podem recuar. SKAT imediatamente dá nos calcanhares. PLOG o persegue, balançando sua marreta e berrando como um urso selvagem.

Durante alguns confusos momentos, os dois rivais tropeçam entre as pedras e arbustos no escuro cinzento da floresta. O duelo começa a parecer sem sentido, porque os dois estão igualmente amedrontados.

Os viajantes observam silenciosamente essa confusa performance. LISA grita, mais por dever que por impulso.

SKAT

(arquejando) Seu miserável bastardo imbecil de sete putas lazarentas, se eu estivesse dentro desses seus trapos pulguentos morreria de tanta vergonha de minha respiração, minha voz, meus braços e minhas pernas – em suma, vergonha de todo o meu corpo – que eu me livraria imediatamente da natureza do meu próprio eu.

PLOG

(*irritado*) Cuidado, seu lodo perfumado, se não eu peido em você e você vai voando para o inferno vermelhão daquele ator, onde você pode se sentar e recitar monólogos um para o outro até sair cera das orelhas do Diabo.

Então LISA se atira ao pescoço do marido.

LISA

Me perdoe, querido maridinho, não vou fazer isso nunca mais. Sinto muito e você não pode imaginar quão terrivelmente esse homem me enganou.

PLOG

Vou matá-lo de um jeito ou outro.

LISA

Sim, faça isso, mate-o. Ele nem é um ser humano.

JONS

Inferno, ele é um ator.

LISA

Ele é um barba falsa, um dentes falsos, um sorrisos falsos, um versos ensaiados, e tão vazio como um pote. Mate-o.

LISA soluça com excitação e tristeza. PLOG olha ao redor, um pouco confuso. SKAT se aproveita dessa oportunidade. Tira um punhal e aponta um ponto no próprio peito.

SKAT

Ela está certa. Me mate. Se pensou que eu ia desculpá-lo por ser o que sou, está muito enganado.

LISA

Olha como ele está amarelando. Como ele se faz de louco, como finge. Caro Plog, mate-o.

SKAT

Camaradas, vocês só têm que empurrar, e minha irreabilidade logo será transformada numa nova sólida realidade. Um cadáver absolutamente tangível.

LISA

Faça alguma coisa então. Mate-o.

PLOG

(embaraçado) Ele tem que lutar comigo, senão não posso matá-lo.

SKAT

Sua vida agora depende apenas de um fiozinho podre. Idiota, seus dias estão no fim.

PLOG

Você vai ter que me irritar um pouco mais pra me ver raivoso como antes.

SKAT olha para os viajantes com uma expressão dolorosa e ergue os olhos para o céu noturno.

SKAT

Eu perdoo todos vocês. Rezem por mim algumas vezes.

SKAT afunda o punhal no peito e lentamente cai ao chão. Os viajantes ficam confuses. PLOG se adianta e pega as mãos de SKAT.

PLOG

Oh meu caro amigo, eu não queria que tudo terminasse assim! Olhem, não há mais vida nele. Eu estava começando a gostar dele, e em minha opinião Lisa era muito mais desprezível.

JOF se inclina sobre seu colega.

JOF

Ele está morto, completamente, enormemente morto. Na verdade, nunca havia visto um ator tão morto assim.

LISA

Vamos, vamos embora. Não há nada a lamentar. Ele só merecia censura.

PLOG

E eu tenho que ficar casado com ela.

JONS

Temos que continuar.

SKAT fica deitado ali na grama e mantém o punhal apertado firmemente contra o peito. Os viajantes partem e logo desaparecem na floresta escura do outro lado da campina. Quando SKAT tem certeza de que ninguém o pode ver, ele se senta e tira o punhal de seu peito. É um punhal de teatro, com uma lâmina que se esconde no cabo. SKAT ri para si mesmo.

SKAT. Essa foi uma boa cena. Sou mesmo um bom ator. Afinal, por que eu não poderia ficar um pouco satisfeito comigo mesmo? Mas para onde vou agora? Vou esperar até a luz do dia e então vou procurar o jeito mais fácil de sair da floresta. Vou subir numa árvore por enquanto, de modo que nenhum urso, nenhum lobo ou nenhum fantasma me pegue.

Ele logo encontra uma árvore no jeito e sobe nela, escondendo-se em sua folhagem. Senta-se o mais confortavelmente possível e pega sua sacola de comida.

SKAT

(*boceja*) Amanhã vou encontrar Jof e Mia e então vamos para a feira dos santos em Elsinore. Vamos fazer muito dinheiro lá. (*boceja*) Agora, vou cantar uma musiquinha para dormir. (*canta*) Sou um passarinho amigo / que canta por onde for / E quando estou em perigo / trino bem aqui comigo / como no jogo do amor. (*fala*) Aff como é chato ficar sozinho na floresta à noite. (*canta*) A noite terrível não me assusta...

Ele se interrompe e escuta. O som de uma serra vigorosamente trabalhada é ouvida rasgando o silêncio.

SKAT

Trabalhadores na floresta. A essa hora... Bom!... (*canta*) A noite terrível não me assusta... (*fala*) Hey que Diabo é isso!. é a minha árvore que estão cortando.

Ele espia por entre a folhagem. Abaixo dele está uma figura escura diligentemente serrando a base da árvore. SKAT fica amedrontado e zangado.

SKAT

Hey, Você aí! Está me ouvindo, bastardo idiota? O que está fazendo com minha árvore?

A serra continua sem pausa. SKAT fica ainda mais amedrontado.

SKAT

Não pode pelo menos me responder? Polidez custa tão pouco. Quem é você?

A MORTE se endireita, erguendo-se diante dele. SKAT grita de terror.

MORTE

Eu estou serrando sua árvore porque seu tempo se esgotou.

SKAT

Está enganada. Eu não tenho é tempo para você.

MORTE

Então você não tem tempo?

SKAT

Não, eu tenho uma representação para fazer.

MORTE

Então ela está cancelada por causa da Morte.

SKAT

Meu contrato.

MORTE

Seu contrato está terminado.

SKAT

Meus filhos, minha família.

MORTE

Que vergonha, Skat!

SKAT

Sim, estou envergonhado.

A MORTE começa a serrar novamente. A árvore estala.

SKAT

Não tem nenhum jeito de cair fora? Não existe alguma regra especial para atores?

MORTE

Não, não neste caso.

SKAT

Nenhuma brecha, nenhuma exceção?

A MORTE serra.

SKAT

Talvez você aceite um subornozinho.

A MORTE serra.

SKAT

Socorro!

A MORTE serra.

SKAT

Socorro! Socorro!

A árvore cai. A floresta fica em silêncio novamente.

Noite e depois aurora.

Os viajantes chegaram a uma espécie de clareira e afundaram num lamaçal.

Ficam quietos e ouvem sua própria respiração, as batidas dos seus corações, e o vento no alto das árvores. Aí a floresta é selvagem e impenetrável. Pedras grandes assomam do chão como cabeças de gigantes. Uma árvore caída faz uma barreira entre a luz e a sombra.

MIA, JOF e seu filho estão sentados à parte dos outros. Olham para a luz da lua, que não é mais cheia e morta, mas misteriosa e instável. O CAVALEIRO se senta inclinado sobre seu jogo de xadrez. LISA chora silenciosamente atrás de PLOG. JONS se deita no chão e olha para o céu.

JONS

Daqui a pouco a aurora vai chegar, mas o calor continua a nos cobrir como um lençol abafado.

LISA

Estou com muito medo.

PLOG

Sentimos que alguma coisa está prestes a acontecer para nós, mas não sabemos o que é.

JONS

Talvez seja o dia do julgamento final.

PLOG

O dia do julgamento final...

Agora, alguma coisa se move atrás da árvore caída. Há um som farfalhante e um gemido lamentoso que parece vir de um animal ferido. Todos ouvem atentamente, faces voltadas para o som. Uma voz vem da escuridão.

RAVAL

Vocês têm um pouco de água?

O rosto suado de RAVAL se torna visível. Ele desaparece na escuridão, mas sua voz é ouvida novamente.

RAVAL

Vocês podem me dar um pouco de água? (pausa) A peste me pegou.

JONS

Não venha para cá. Se você se aproximar vou abrir sua garganta. Fique do outro lado da árvore.

RAVAL

Tenho medo da Morte.

Ninguém responde. Silêncio completo. RAVAL respira com dificuldade. As folhas secas se mexem com seus movimentos.

RAVAL

Eu não quero morrer! Não quero!

Ninguém responde. O rosto de RAVAL surge de repente na base da árvore. Seus olhos brilham selvagememente e de sua boca sai muita saliva.

RAVAL

Não têm piedade de mim? Me ajudem! Pelo menos falem comigo

Ninguém responde. As árvores se calam. RAVAL começa a chorar.

RAVAL

Eu vou morrer. Eu. Eu. Eu! O que vai acontecer comigo! Ninguém pode me consolar? Não têm compaixão? Não vêem que eu...

Suas palavras são cortadas por um som gorgolejante. Ele desaparece na escuridão atrás da árvore caída. Tudo fica quieto por alguns momentos.

RAVAL

(sussurra) Alguém pode... só um pouco de água.

De repente a GAROTASE levanta com um movimento rápido, pega o saco de água de JONS e corre alguns passos. JONS a segura e a traz de volta.

JONS

Não adianta. Não vai adiantar. Sei que não vai adiantar. Não faz sentido. Isso é totalmente sem sentido. Eu disse que não tinha qualquer sentido. Está ouvindo que estou consolando você?

RAVAL

Socorro, me ajudem!

Ninguém responde, ninguém se move. Os soluços de RAVAL são secos e convulsivos, como os de uma criança assustada. Um grito repentino é cortado no meio. Depois tudo fica quieto.

A GAROTA se ajoelha e esconde o rosto nas mãos. JONS coloca sua mão no ombro dela.

O CAVALEIRO não está mais sozinho. A MORTE chegou e ele ele levanta a mão.

MORTE

Podemos terminar o jogo?

CAVALEIRO

Sua vez!

A MORTE levanta a mão e come a rainha do CAVALEIRO. Antonius Block olha para a MORTE.

MORTE

Agora eu como sua rainha.

CAVALEIRO

Não tinha percebido o lance.

O CAVALEIRO se inclina sobre o jogo. O luar se movimenta sobre as peças do xadrez, que parecem ter vida própria.

JOF cochilou por poucos momentos, mas de repente desperta. Então vê o CAVALEIRO e a MORTE juntos. Fica muito assustado e acorda MIA.

JOF

Mia!

MIA

Sim, o que é?

JOF

Estou vendo alguma coisa terrível. Alguma coisa que não posso falar.

MIA

O que está vendo?

JOF

O CAVALEIRO está sentado ali adiante jogando xadrez.

MIA

Sim, também estou vendo e não acho que isso seja tão terrível.

JOF

Mas você está vendo com quem ele está jogando?

MIA

Está sozinho. Não precisa fixar assim tão assustado.

JOF

Não, não, ele não está sozinho.

MIA

Quem está ali com ele, então?

JOF

A Morte. Ele está sentado ali jogando xadrez com a própria Morte.

MIA

Você não deve dizer isso.

JOF

Temos que tentar fugir.

MIA

É impossível.

JOF

Temos que tentar. Estão tão ocupados com o jogo que, se nos movermos silenciosamente, nem vão perceber.

JOF se levanta cuidadosamente e desaparece na escuridão atrás das árvores. MIA continua em pé, como se paralisada pelo medo. Olha fixamente para o CAVALEIRO e o jogo de xadrez. Segura o filho nos braços. Agora JOF RETORNA.

JOF

Já atrelei o cavalo. O carroção está perto da árvore grande. Você vai primeiro e eu vou logo em seguida com os sacos. Não deixe que Mikael acorde.

MIA faz o que JOF lhe disse. Ao mesmo tempo, o CAVALEIRO continua seu jogo

MORTE

É sua vez, Antonius Block.

O CAVALEIRO continua em silêncio. Vê MIA através do luar na direção do carroção. JOF se inclina para pegar um saco e vai a direção dela.

MORTE

Você perdeu o interesse no nosso jogo?

Os olhos do CAVALEIRO ficam alarmados. A MORTE olha para ele atentamente.

CAVALEIRO

Perdi o interesse? Ao contrário.

MORTE

Você parece ansioso. Está escondendo alguma coisa?

CAVALEIRO

Nada escapa pra você. Ou escapa?

MORTE

Nada me escapa. Ninguém escapa de mim.

CAVALEIRO

É verdade que estou preocupado.

Ele finge ser desastrado e bate nas peças do xadrez com a aba do casaco. Olha para a Morte.

CAVALEIRO

Esqueci como as pedras estavam.

MORTE

(ri com contentamento) Mas eu não esqueci. Não vai desistir assim tão facilmente.

A MORTE se inclina sobre o tabuleiro e recoloca as peças. O CAVALEIRO olha para a estrada atrás dela. MIA acabou de subir no carroção. JOF pega o cavalo pela rédea e o leva para a Estrada. A MORTE não percebe nada; está completamente ocupada com a reorganização do jogo.

MORTE

Agora estou vendo alguma coisa interessante.

CAVALEIRO

O que você está vendo?

MORTE

Vou lhe dar xeque-mate no próximo movimento, Antonius Block.

CAVALEIRO

É verdade mesmo.

MORTE

Aproveitou a trégua que fizemos?

CAVALEIRO

Sim, e muito.

MORTE

Fico feliz em ouvir isso. Agora vou deixar você. Quando nos encontrarmos de novo, seu tempo e o de seus companheiros estará terminado.

CAVALEIRO

E então você vai divulgar seus segredos.

MORTE

Eu não tenho segredos.

CAVALEIRO

Então você não sabe nada.

MORTE

Não tenho nada para contar...

O CAVALEIRO quer responder, mas a MORTE já se foi.

Ouve-se um murmúrio no topo das árvores. A aurora chega, uma luz trêmula e sem vida, fazendo a floresta parecer ameaçadora e má. JOF dirige pela estrada serpenteante. MIA sentada a seu lado.

MIA

Que luz estranha.

JOF

Acho que é a tempestade que vem com a aurora.

MIA

Não, é outra coisa. Alguma coisa terrível. Está ouvindo esse rugido na floresta?

JOF

Talvez seja chuva.

MIA

Não, não é chuva. Ele nos viu e está nos seguindo. Ele nos alcançou, está bem atrás de nós.

JOF

Ainda não, Mia. Ainda não.

MIA

Tenho medo. Tenho muito medo.

O carroção roda sobre raízes e pedras, ele escorrega e range. Agora o cavalo para com as orelhas caídas nos lados da cabeça. A floresta suspira e se agita pesadamente.

JOF

Entre no carroção, Mia. Deite-se depressa. Vamos ficar deitados, Mia, com Mikael entre nós.

Eles se deitam no carroção e se encolhem ao redor da criança adormecida.

JOF

É o Anjo da Morte que está passando por nós, Mia. É o Anjo da Morte. O Anjo da Morte, e é muito grande.

MIA

Você sente como ficou frio? Estou congelando. Estou com um frio terrível.

Ela treme como se estivesse com febre. Eles puxam os lençóis sobre eles e ficam bem juntos. A lona do carroção se agita e bate com o vento. O rugido é como um gigante pisando duro.

A silhueta do castelo é como uma pedra negra contra aquela aurora pesada. Agora a tempestade se movimenta, lançando-se poderosamente contra paredes e contrafortes. O céu escurece, é quase como noite.

Antonius Block levou seus companheiros com ele para o castelo. Mas ele parece deserto. Caminham de um cômodo para o outro. Só existe o vazio e ecos silenciosos. Do lado de fora, a chuva trondeja ruidosamente.

De repente o CAVALEIRO se vê face a face com sua esposa. Ambos se olham silenciosamente.

KARIN

Ouvi das pessoas que vieram da cruzada que você estava voltando para casa. Fiquei esperando por você aqui. Todos os outros fugiram da peste.

O CAVALEIRO está em silêncio. Olha para ela.

KARIN

Não me reconhece mais?

O CAVALEIRO concorda, silente.

KARIN

Você também mudou.

Ela caminha perto dele e olha perscrutantemente em sua face. O sorriso se suspende em seus olhos e ela toca a mão dele suavemente.

KARIN

Agora vejo que é você. Em algum lugar nos seus olhos, em algum lugar no seu rosto, mas escondido e assustado, está aquele menino que foi embora há muitos anos.

CAVALEIRO

Aquilo já passou e estou um pouco cansado.

KARIN

Estou vendo que está cansado.

CAVALEIRO

Ali fora estão meus amigos.

KARIN

Peça que entrem. Vão tomar o desjejum conosco.

Todos se sentam à mesa no salão, que está iluminado por tochas nas paredes. Silenciosamente comem pão duro e carne escura salgada. KARIN está sentada à cabeceira da mesa e lê um texto de um livro grosso.

KARIN

“E quando o Cordeiro quebrou o sétimo selo, houve silêncio no céu pelo espaço de meia hora. Eu vi os sete anjos parados diante de Deus; e a eles foram dadas sete trombetas. E outro...”

Três batidas portentosas soam no largo portal. KARIN interrompe sua leitura e olha fora do livro. JONS se levanta rapidamente e vai abrir a porta.

KARIN

“O primeiro anjo tocou, e houve granizo misturado com sangue, e foram lançados sobre a terra; e um terço das árvores foi queimado e todo o mato verde foi queimado

Agora a chuva fica silenciosa. De repente há um silêncio imenso, assustador, no grande salão gelado onde tochas ardentes lançam sombras inquietas no teto e nas paredes. Todos ouvem tensamente o silêncio.

KARIN

“E o secundo anjo tocou, e houve uma grande montanha ardendo em fogo que foi atirada ao mar; e um terço do mar se tornou sangue...”

Ouvem-se passos nas escadas. JONS retorna e se senta silenciosamente em seu lugar mas não continua a comer.

CAVALEIRO

Havia alguém lá?

JONS

Não, senhor, não vi ninguém.

KARIN ergue a cabeça por um instante mas de novo olha por cima do livro grande.

KARIN

“E o terceiro anjo tocou, e então caiu uma grande estrela do céu, queimando como se fosse uma tocha, e ela caiu sobre um terço dos rios e das fontes de água; e o nome da estrela é Amargura...”

Todos levantam suas cabeças, e quando vêem quem está chegando perto deles através do crepúsculo do amplo salão, eles se levantam da mesa e ficam próximos uns dos outros.

CAVALEIRO

Bom dia, nobre senhor.

KARIN

Sou Karin, a esposa do CAVALEIRO, e o recebo cortesmente em minha casa.

PLOG

Sou ferreiro de profissão e bom na minha oficina. Minha esposa Lisa – aleluia ao grande senhor, Lisa. Ela é um pouco difícil de lidar e tivemos uma briguinha, por assim dizer, mas nada mais grave do que com a maioria dos casais.

O CAVALEIRO esconde o rosto nas mãos.

CAVALEIRO

De tua escuridão, te chamamos, Senhor. Tem piedade de nós porque somos pequenos e medrosos e ignorantes.

JONS

(amargamente) Nas escuridão em que supomos estejas escondido, e onde provavelmente estamos todos nós... Na escuridão não encontrarás ninguém para ouvir teus gritos ou ser tocado por teus sofrimentos. Lava tuas lágrimas e te espelhes em tua indiferença.

CAVALEIRO

Deus, que estás em algum lugar, que deves estar em algum lugar, tem piedade de nós.

JONS

Eu podia ter dado a você alguma erva para livrar você das preocupações com a eternidade. Agora parece ser tarde demais. Mas em todo caso, sinta o imenso triunfo deste último minuto enquanto você ainda pisca os olhos e estala os dedos.

KARIN

Quieto, cale a boca.

JONS

Vou ficar calado, mas sob protesto.

GAROTA

(de joelhos) É o fim..

JOF e MIA sentam-se próximos e ouvem a chuva batendo levemente na lona do carroção, um som que vai diminuindo até que se ouçam apenas algumas gotas.

Saem de seu esconderijo. O carroção está no alto de uma ladeira, protegido por uma árvore enorme. Olham para as colinas, as florestas, as planícies, e o mar, que fosforeja ao sol que fura as nuvens.

JOF estica os braços e as pernas. MIA seca o carroção e se senta perto do marido. MIKAEL bate os bracinhos no colo de JOF.

Um pássaro solitário testa sua voz após a tempestade. As árvores e os arbustos gotejam. Do mar vem um vento forte e perfumado.

JOF aponta para o céu escuro e em retirada onde raios brilham como agulhas de prata no horizonte.

JOF

Vejo todos eles, Mia! Vejo todos! Ainda ali contra o céu escuro, de tempestade. Estão todos ali. O ferreiro e Lisa, e o CAVALEIRO e Raval e Jons e Skat. E a MORTE, o mestre severo, convida todos para dançar. Diz a eles para se darem as mãos e fazerem uma longa coluna. E primeiro vai o mestre com sua foice e sua

ampulheta, mas Skat dedilha sua lira lá no fim. Dançam com a aurora e é uma dança solene em direção às terras escuras, onde a chuva lava suas faces e limpa o sal de suas lágrimas de seus rostos.

Está em silêncio. Abaixa a mão. Seu filho, MIKAEL, ouviu suas palavras. Agora, chega perto de MIA e se senta perto dela.

MIA

(sorrindo) Você com suas visões e seus sonhos.

Fim.